

OFICINA DE ESCRITA CRIATIVA
CLUBE DE LEITURA AMÉLIA BEVILÁQUA

Seu, Sempre Seu Sua, Sempre Sua

& Outros Textos



OFICINA DE ESCRITA CRIATIVA
CLUBE DE LEITURA
AMÉLIA BEVILÁQUA

A Oficina de Escrita Criativa do Clube de Leitura Amélia Beviláqua é algo mágico. Mais que uma turma, formamos uma irmandade. Colegas de setores diferentes, de cidades diversas, todos nos aproximamos, unidos em torno da energia que só a literatura é capaz de fornecer. Olhos brilhando, mentes fervilhando, e a imaginação transformando-se em viva realidade em forma de letras, palavras, versos, frases, parágrafos. Não éramos apenas servidores do Judiciário, mas legítimos escritores e escritoras. Arquitetos da literatura. Produtores de conhecimento. Criadores de fantasias, de sonhos.

Além dos textos individuais, este livro contém uma obra coletiva que se tornou uma história de amor entre Ana Vicário e Firmino Oiticica. Entre os dois, um código: Seu, sempre seu; sua, sempre sua. Esse código virou o nome do conto coletivo, que depois se tornou o nome do próprio livro, esse que agora você, leitor, leitora, tem em mãos. Esse livro seu, sempre seu, essa obra sua, sempre sua. Como a literatura é, de todos nós, ao alcance da nossa mão. Como foi alcançada pelas mãos talentosas desses homens e mulheres que são muito além de diligentes servidores públicos, são verdadeiros artífices da palavra. Na estrada que eles e elas construíram, todos e todas estão convidados a viajar.

Este, espero, é apenas o primeiro de muitos livros que virão. Uma obra que se converte em uma revolução dentro da revolução maior que é o Clube de Leitura Amélia Beviláqua. Viajemos, então, juntos nos textos que construímos com afinho e amor. Uma viagem nas asas da imaginação, nos caminhos iluminados do conhecimento, único antídoto para o obscurantismo e a ignorância.

Seu, Sempre Seu Sua, Sempre Sua

& Outros Textos

Desa. Maria Nailde Pinheiro Nogueira

Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará

Des. Antônio Abelardo Benevides Moraes

Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará

Des. Paulo Airton Albuquerque Filho

Corregedor Geral da Justiça do Estado do Ceará

Conselho Editorial (Gestão 2021-2023)

Desembargador Mário Parente Teófilo Neto – Presidente

Desembargadora Maria de Fátima de Melo Loureiro

Desembargadora Andréa Mendes Bezerra Delfino

Juiz Francisco Eduardo Fontenele Batista

Juiz Antônio Carlos Pinheiro Klein Filho

Francisco Roosevelt Marques Bezerra – Secretário

Organização

Edwilson Soares Freire

Adriana Albano da Rocha

Revisão

Edwilson Soares Freire

Carla Maria Barreto Gonçalves

João Paulo de Oliveira Couto Napoli

Diretora do Fórum Clóvis Beviláqua

Juíza Ana Cristina de Pontes Lima Esmeraldo

Fórum Clóvis Beviláqua

Gestão 2021-2023

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Hugo Leonardo Guedes Monteiro

Impressão e Acabamento

Assessoria de Comunicação Social

Coordenadoria de Apoio Operacional



Tribunal de Justiça do Estado do Ceará

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora

Avenida General Afonso Albuquerque de Lima, s/n

Cambeba - Fortaleza - Ceará - CEP: 60.822-325 | Fone: (85) 3207.7000

www.tjce.jus.br | biblioteca@tjce.jus.br | email: editora@tjce.jus.br

Oficina de Escrita Criativa
Clube de Leitura Amélia Beviláqua

Seu, Sempre Seu Sua, Sempre Sua

& Outros Textos



Fortaleza - 2022

S496

Seu, sempre seu. Sua, sempre sua & outros textos / [organização do] Clube de Leitura Amélia Beviláqua. - Fortaleza : Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, 2022.
122 p.

Escrita coletiva da primeira turma da Oficina de Escrita Criativa do Clube de Leitura Amélia Beviláqua.
ISBN: 978-65-995874-2-9

1. Escrita criativa - Oficina. 2. Textos literários. 3. Literatura . I. Clube de Leitura Amélia Beviláqua.

CDU: 82-8
CDD: 808.88

Catálogo da publicação na fonte elaborada
pela Bibliotecária: Ivete Costa de Oliveira - CRB: 3/998

COMPOSIÇÃO DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO CEARÁ

Desa. Maria Nailde Pinheiro Nogueira

Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará

Des. Antônio Abelardo Benevides Moraes

Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará

Des. Paulo Airtton Albuquerque Filho

Corregedor Geral da Justiça do Estado do Ceará

TRIBUNAL PLENO

Desa. Maria Nailde Pinheiro Nogueira – Presidente

Des. Fernando Luiz Ximenes Rocha

Desa. Maria Iracema Martins do Vale

Des. Antônio Abelardo Benevides Moraes

Des. Emanuel Leite Albuquerque

Des. Paulo Francisco Banhos Ponte

Desa. Francisca Adelineide Viana

Des. Durval Aires Filho

Des. Francisco Gladysson Pontes

Des. Francisco Darival Beserra Primo

Des. Francisco Bezerra Cavalcante

Des. Inácio de Alencar Cortez Neto

Des. Washington Luis Bezerra de Araújo

Des. Carlos Alberto Mendes Forte

Des. Teodoro Silva Santos

Desa. Maria Iraneide Moura Silva

Des. Luiz Evaldo Gonçalves Leite

Desa. Maria Vilauba Fausto Lopes

Desa. Lisete de Sousa Gadelha

Des. Raimundo Nonato Silva Santos

Des. Paulo Airtton Albuquerque Filho

Desa. Maria Edna Martins

Des. Mário Parente Teófilo Neto

Desa. Tereze Neumann Duarte Chaves

Des. José Tarcílio Souza da Silva

Desa. Maria de Fatima de Melo Loureiro

Desa. Lúgia Andrade de Alencar Magalhães

Desa. Lira Ramos de Oliveira

Des. Heráclito Vieira de Sousa Neto
Des. Francisco Carneiro Lima
Des. Francisco Mauro Ferreira Liberato
Desa. Marlúcia de Araújo Bezerra
Des. Henrique Jorge Holanda Silveira
Des. Sérgio Luiz Arruda Parente
Des. Francisco Luciano Lima Rodrigues
Desa. Maria do Livramento Alves Magalhães
Des. José Ricardo Vidal Patrocínio
Desa. Maria das Graças Almeida de Quental
Desa. Joriza Magalhães Pinheiro
Des. Carlos Augusto Gomes Correia
Des. José Evandro Nogueira Lima Filho
Desa. Maria Ilina Lima de Castro
Desa. Rosilene Ferreira Facundo
Desa. Jane Ruth Maia de Queiroga
Desa. Andréa Mendes Bezerra Delfino
Desa. Sílvia Soares de Sá Nóbrega
Des. André Luiz de Souza Costa
Des. Everardo Lucena Segundo
Desa. Vanja Fontenele Pontes
Des. José Lopes de Araújo Filho
Des. Francisco Eduardo Torquato Scorsafava
Desa. Ângela Teresa Gondim Carneiro Chaves
Dr. Benedito Helder Afonso Ibiapina – Juiz Convocado
Dr. Francisco Jaime Medeiros Neto – Juiz Convocado
Dr. Irandes Bastos Sales – Juiz Convocado

SUMÁRIO

Prefácio	09
Apresentação	13

PARTE 1 ANCESTRALIDADE

Seu, sempre seu; sua, sempre sua	23
Conto coletivo de Ana Celina Nunes França, Ana Valéria Sousa Azevedo, Carla Barreto, Ed Freire, Marcos Januário, Nara Rejane Gonçalves de Araújo, Natália Gomes de Oliveira e Paulinho Oliveira, integrantes da Oficina de Escrita Criativa	

PARTE 2 TEXTOS DIVERSOS

Ana Celina Nunes França

Linhas de Dor e de Abandono – Da Depoente Criança e Adolescente	
Vítima ou Testemunha de Violência	47
Prisão	49
Contradição	50
Outras de Mim – Inquietações	51
De Corte	52
Caminhada	53

Ana Valéria Sousa Azevedo

Amigos de Infância	57
Nasceu Lis Maria	59
Nasceu José	60
Identidade e Liberdade	61

Carla Barreto

Renda-se	65
As Idas e as Voltas	72

Ed Freire

As Mulheres de Terreal	75
A Casa da Minha Avó	89
O Pássaro Solidão	93

Marcos Januário

Intuição	101
Soldado na Caserna	102
De Luto pela Manga	103
Dezesseis	104
Fenômeno da Recepção do Antigo Testamento	105
Fulgor na Escuridão	107

Nara Rejane Gonçalves de Araújo

Amor de Gato	111
--------------------	-----

Natália Gomes de Oliveira

Lembranças	115
Flor de Mandacaru	116

Paulinho Oliveira

Versos Literatos	119
Balacobaco	121

PREFÁCIO

Ana Cristina de Pontes Lima Esmeraldo

Diretora do Fórum Clóvis Beviláqua

Palavras, livros, técnicas de redação, formas de expressão de ideias e exposição de pensamentos com o uso do bom português, ainda que recheadas de expressões próprias do direito, compõem o cenário onde estão os personagens que escolheram o Judiciário para sua atuação profissional.

Há que se gostar de ler, é o que dizem os que observam de fora.

Daqui de dentro, completo que também há que se gostar de escrever. Escreve-se muito quando se trabalha com o direito. Afinal, nada existe se não “estiver nos autos”, como costumeira e, até ironicamente, se afirma.

E para diversificar esse universo da escrita e da leitura, e promover novos interesses e a conexão entre as pessoas, foi que, em meio à restrição social causada pela pandemia da Covid 19, surgiu na Diretoria do Fórum Clóvis Beviláqua, o Clube de Leitura Amélia Beviláqua, criado em 2021, como forma de incentivo à arte e à cultura.

A literatura, por meio de romances, crônicas, poesias e contos, com seus decantados encantos, atraiu os declaradamente apaixonados pelas letras, despertou curiosos pela novidade ofertada e, a cada encontro, fez surgir, em torno das palavras, novas experiências e o despertar de emoções aliadas à leitura e à escrita.

Amélia Beviláqua, reconhecida escritora, esposa do jurista Clóvis Beviláqua, que deu nome ao Clube e que, mesmo desafiando o sistema imposto, ousou ser a primeira mulher a postular – e também a lhe ter negado – o direito de ingresso na Academia Brasileira de Letras, revelou-se uma inspiração.

Ela, sabe-se, nem por isso desistiu de seguir seu trajeto na vida literária. E assim, também, nós tentamos por meio desses escritos, oportunizar que o encontro de colegas com mesmo interesse e gosto pela literatura se perpetue.

É que o comprometimento e entusiasmo da primeira turma do Clube foi tão grande que abriu novos caminhos da literatura no Fórum, dando vez, neste ano, à Oficina de Escrita Criativa, com o propósito de capacitar os alunos à produção de textos, na modalidade coletiva e individual, favorecendo o desenvolvimento de habilidades de escrita, criatividade, compreensão textual, comunicação e leitura de mundo.

A forma de fazer a leitura de livros é sempre algo muito próprio, peculiar de cada um dos leitores, uns leem um livro apenas no período, outros mesclam estilos e revezam na leitura, alguns rapidamente devoram os capítulos e tem até os que preferem pausas longas. A forma de escrever também pode e deve ser estimulada, e, ainda, compartilhada, reinventada.

Nas próximas páginas, caro leitor, cara leitora, com o conto *SEU, SEMPRE SEU; SUA, SEMPRE SUA* o que se tem é uma escrita coletiva, construída de forma conjunta pela primeira turma da Oficina e que tem como cenário uma envolvente história

que reverbera a entrega ao amor e a coragem em enfrentar os desafios da vida em busca dos sonhos, sejam eles “rasantes ou altaneiros”; bem como, tenho certeza, se deleitarão com uma sequência de escritos, poemas, crônicas e contos, elaborados de forma individual pelos concludentes.

Desejo que, assim como os escritores deste livro, você, leitor(a) permita-se ler as palavras, ouvir as mensagens, compreender os sentimentos, e, principalmente, envolver-se no universo da literatura.

Boa leitura!

APRESENTAÇÃO

Paulinho Oliveira

Escritor, jornalista, auxiliar judiciário,
facilitador do Clube de Leitura
Amélia Beviláqua

Quando, nos últimos meses de 2020, eu recebi um comunicado da Diretoria do Fórum Clóvis Beviláqua me convidando para uma reunião de avaliação e planejamento, uma espécie de confraternização entre a administração e os servidores, isso para mim já era suficiente para me ver diante de uma revolução. Afinal, naquele instante, estava por encerrar o primeiro biênio de Ana Cristina de Pontes Lima Esmeraldo à frente do Fórum, uma gestão que, sem dúvida, era a mais democrática e humanista que eu havia presenciado em mais de um quarto de século como servidor do Poder Judiciário cearense.

Mal sabia eu que uma nova revolução estava por começar. Nos primeiros meses de 2021, recebi, incrédulo, um convite oficial da Diretoria do Fórum para, junto com outros facilitadores como Gabriel, Vanessa, Fatinha e Renata, dar cabo de um projeto intitulado Clube de Leitura Amélia Beviláqua. A ideia era a criação de um espaço que estimulasse nos integrantes do Judiciário, servidores ou magistrados, o interesse pela literatura. Não a literatura jurídica, mas a artística mesmo, o contato com autores e autoras consagrados como Machado de Assis, José de Alencar, Cora Coralina, Euclides da Cunha, Lima Barreto,

Cecília Meireles, Clarice Lispector... Algo tão surpreendente, como fascinante.

O Clube de Leitura era, na verdade, ideia adormecida há tempos, sugerida pelo talentosíssimo escritor e colega de Judiciário Ed Freire, mas guardada a sete chaves em uma das gavetas da administração do Judiciário. A gestão de Ana Cristina Esmeraldo na Diretoria do Fórum, porém, transformou um projeto condenado ao esquecimento em realidade, e a ele foi acrescentado o nome de Amélia Beviláqua, uma mulher à frente de seu tempo, alguém que era muito mais do que simplesmente a esposa de Clóvis Beviláqua, um talento literário tão grandioso quanto injustiçado, uma escritora cujo legado ainda está por ser melhor explorado pelos amantes da literatura. No entanto, o que seria exatamente o Clube de Leitura ainda era um mistério, que só seria desvendado quando realmente ocorressem os encontros.

Veio o mês de março, e se formou a primeira turma básica. Eu, Gabriel, Vanessa, Fatinha e Renata nos revezamos como facilitadores, mas, na verdade, éramos nós os aprendizes. Afinal, era tudo muito novo, e tínhamos medo de que a ideia não granjeasse a simpatia dos cursistas. Com o passar das semanas, porém, todos fomos criando um amor especial por aqueles encontros quinzenais em que expúnhamos grandes clássicos de nossa literatura, a vida de seus autores, o contexto em que a obra analisada foi escrita. Os cursistas, por sua vez, cada vez mais demonstravam que gostavam do Clube, que viam aquele momento como uma oportunidade de se desvincularem daquela rotina por vezes chata, estressante, de sentenças, despachos, decisões interlocutórias,

certidões, mandados, prazos, metas, SAJ, SEI e tudo aquilo que norteia nossa atividade profissional dentro do Poder Judiciário alencarino. Era um refúgio, um momento de fantasia, um instante de sonho. Era a literatura se transformando na chave da liberdade de cada um, de cada uma.

O projeto foi tão bem avaliado que se desdobrou, no segundo semestre de 2021, em duas turmas: uma básica, outra avançada. Eu tive a oportunidade de estar em ambas: na básica, a experiência me ajudou a receber os novos cursistas; na avançada, porém, um frio na espinha me atormentava, pois a proposta era ainda mais ousada, qual seja, aprofundar os conhecimentos sobre cada gênero literário. Em vez de simplesmente lermos uma obra e interpretá-la, agora a missão era desvendarmos os mistérios do conto, da crônica, da poesia, do romance, da novela, da reportagem. O medo inicial deu lugar ao júbilo, quando vimos que a avaliação final foi tão positiva quanto a do semestre anterior, e o Clube de Leitura Amélia Beviláqua, pouco a pouco, se solidificava como um projeto que veio para ficar.

Então, veio o primeiro semestre de 2022, e o que já era, por si, uma revolução resolveu revolucionar ainda mais. A novidade era a criação da primeira turma de Oficina de Escrita Criativa, e a proposta era, não mais simplesmente a teoria sobre literatura e seus gêneros, mas a prática. Agora, os cursistas produziram seus próprios textos individuais. Além disso, juntos, criaram um livro, uma obra coletiva. Tudo seria publicado pelo Parque Gráfico do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará. Era um passo bastante ousado, e aquele frio na barriga se tornou quase

intimidador, ainda mais quando eu soube que estaria sob a minha responsabilidade única ser o facilitador dessa ousadia.

O que aconteceu em seguida foi algo mágico. Mais que uma turma, formamos uma irmandade. Colegas de setores diferentes, de cidades diversas, todos nos aproximamos, unidos em torno da energia que só a literatura é capaz de fornecer. Eu via em cada um, em cada uma, os olhos brilhando, as mentes fervilhando, a imaginação transformando-se em viva realidade em forma de letras, palavras, versos, frases, parágrafos. Eu vislumbrava o potencial, muitas vezes adormecido, de cada cursista. Eu me admirava do quanto somos capazes de qualquer coisa, mesmo que às vezes nem acreditemos nisso. Eu estava ali, diante, não apenas de servidores do Judiciário, mas de legítimos escritores e escritoras. Arquitetos da literatura. Produtores de conhecimento. Criadores de fantasias, de sonhos.

A obra coletiva se tornou uma história de amor entre Ana Vicário e Firmino Oiticica. Entre os dois, um código: Seu, sempre seu; sua, sempre sua. Esse código virou o nome do conto coletivo, que depois se tornou o nome do próprio livro, esse que agora você, leitor, leitora, tem em mãos. Esse livro seu, sempre seu, essa obra sua, sempre sua. Como a literatura é, de todos nós, ao alcance da nossa mão. Como foi alcançada pelas mãos talentosas desses homens e mulheres que são muito além de diligentes servidores públicos, são verdadeiros artífices da palavra. Na estrada que eles e elas construíram, todos e todas estão convidados a viajar.

Este, espero, é apenas o primeiro de muitos livros que virão. Uma obra que se converte em uma revolução dentro da

revolução maior que é o Clube de Leitura Amélia Beviláqua. Algo tão revolucionário que deu a este humilde escriba uma razão a mais para seguir exercendo seu ofício de auxiliar judiciário do Poder Judiciário cearense. Deu-me, aliás, uma razão a mais para viver. Por isso, a palavra que me move é gratidão.

Sem mais delongas, viajemos juntos nos textos que construímos com afinho e amor. Uma viagem nas asas da imaginação, nos caminhos iluminados do conhecimento, único antídoto para o obscurantismo e a ignorância.

Boa leitura!

Oficina de Escrita Criativa

Clube de Leitura Amélia Beviláqua

Turma do Primeiro Semestre de 2022





Ana Celina Nunes França

Ana Valéria Sousa Azevedo

Carla Barreto

Ed Freire

Marcos Januário

Nara Rejane Gonçalves de Araújo

Natália Gomes de Oliveira

Paulinho Oliveira

PARTE 1

ANCESTRALIDADE

Seu, Sempre Seu; Sua, Sempre Sua

Conto coletivo de

Ana Celina Nunes França

Ana Valéria Sousa Azevedo

Carla Barreto

Ed Freire

Marcos Januário

Nara Rejane Gonçalves de Araújo

Natália Gomes de Oliveira

Paulinho Oliveira

Meu avô me contou esta história quando eu tinha dezessete anos, hormônios cá dentro de mim em furiosa ebulição, competindo com a sopa borbulhante de Vó Cândida. Queixara-me de que estava difícil conquistar o coração de Mazé Graúna, morena faceira que tinha o poder de colocar qualquer homem daquele recanto isolado de sertão aos seus pés, bastava estalar os dedos. Mas os dedos da morena andavam calados e quietos, deixando todos os caboclos das redondezas a ver navios, ou melhor, a ver o trem barulhento que cortava o tímido centro daquele povoado fazia já uns cem anos. O trem era o único elemento avançado a sacudir aquela comunidade que parecia ter parado no tempo.

— Meu neto, você se queixa de que o amor arribou destas terras quentes, mas saiba que hoje, à vista de antigamente, um rapaz como você tem até mais facilidade para namorar e casar.

Então, contou a história de Firmino Oiticica, vaqueiro pobre que se engraçou de Ana Vicário, única filha mulher do Coronel Assunção. Nem se doutor Juscelino em pessoa editasse

um decreto, ordenando a união do casal, o pai e seus cinco filhos varões aceitariam entregar a donzela a um filho do vento, como chamavam o sertanejo despossuído de bens. Imaginem, então, se algum vaqueiro aparecesse com seu gibão exalando suor a cortejar uma moça de família criada com mimos e afetos que nenhum homem rude daquelas bandas conseguiria perpetuar.

Ana Vicário era doida para se casar e estava saturada de esperar o prometido que o pai, vez por outra, lhe mencionava. Nunca chegava esse forasteiro de terras longínquas. Que homem acostumado à civilização praieira se sujeitaria a morar naquele sertão profundo? O patriarca queria a filha perto de si, mesmo casada e rodeada por uma récula de filhos.

O ano era 1957. O sol castigava aquelas terras esquecidas há mais de dois anos, e Ana Vicário, professora da Escola Municipal da comunidade de Rio Doce, preparava a tradicional festa da santa padroeira. Contava com ajuda de alguns moradores da localidade e do olhar atento de seu irmão mais velho, quando de longe avistou um cavaleiro em disparada perseguição a um animal desgarrado do rebanho de bois.

— Vixe! É Firmino Oiticica! – Gritou alguém.

— Ele num vai conseguir parar! – Falou outro.

— Vai arrebentar a barraca das comidas! – Murmurou Ana Vicário.

Firmino não podia deixar aquele boi desgarrado fugir e confiava no seu cavalo, companheiro de longos anos. Desesperado, quando tudo parecia perdido, o vaqueiro, quase como num pedido de socorro, disse ao seu alazão:

— Anda, meu fí, anda; tá tão perto; bora, meu fí, bora...

E os dois continuavam sua desabalada carreira em busca do boi, e Firmino Oiticica sabia que aquele era um desafio difícil de sua carreira de mais de dez anos de vaqueiro. Nunca rês tão rebelde lhe tinha sido posta à frente. Mas a determinação de Firmino Oiticica e a força de seu cavalo eram maiores que qualquer dificuldade.

Enquanto isso, Ana Vicário apreciava intimamente a habilidade e a força com que o homem se equilibrava e conduzia seu cavalo marrom, cujo reluzir ao sol era tão bonito quanto os olhos luminosos da donzela fitando o vaqueiro em seu magistral galope. Afinal, embora Firmino Oiticica não fosse o homem que seu pai idealizava como seu futuro marido, naquele momento, durante a perseguição ao boi, Ana se viu encantada pelo rapaz. E ficou a se perguntar, conversando com seus botões: O que teria ela de diferente ou tão especial que não pudesse se encantar com um vaqueiro? Por que essa distinção entre as pessoas, se o que importa é o que vem do coração?

Naquela confusão de pega ou não pega o boi fujão, Firmino acabou caindo e machucando a perna esquerda. O chão pedregoso onde caíra não perdoou as carnes do rapaz e lhe causaram um talho fundo. Ana, então, correu em direção ao ferido, enquanto todos que ajudavam a preparar a festa da santa olharam assustados. Teria ocorrido algo mais sério com o jovem vaqueiro?

A dor do rasgo da ferida estava insuportável. Mas, quando o olhar de Firmino fitou de perto os olhos de Ana, parecia que outra carne de seu corpo acabara de se rasgar: a de seu coração.

Por alguns instantes, a ferida nova no peito, que por sinal nem doía, o fez esquecer de todas as dores. Especialmente a dor de que mais tinha medo no mundo todo: a da solidão.

No meio do alvoroço de gente acudindo Firmino, o olhar de Ana Vicário parecia a certeza de que talvez ele não fosse ficar sozinho e mal-acabado como lhe diziam. Só que essa esperança boa que lhe fazia cócegas no peito acabou quando um enxerido tocou em sua ferida:

— Aaaaaarre! Mexe não! Tá doendo demais! Pelo amor de Deus!

Todos, quando ouviram o grito, lembraram que o médico só vinha a Rio Doce de tempos em tempos. Faltavam doze dias para o trem passar, trazendo o homem da medicina. O jeito foi recorrer à rezadeira, Dona Babosa, raizeira de boa fama naquele sertão, para que Firmino suportasse a dor enquanto aguardava o trem estremecer o cotidiano da comunidade. Quatro homens fortes carregariam o vaqueiro, formando-se um inusitado cortejo para conduzi-lo à sua casa, onde então receberia os primeiros cuidados da rezadeira. Antes disso, de supetão, apareceu o Coronel Assunção:

— Passa já pra casa, Ana! Tô dizendo mesmo!

— Sim, painho, estou indo!

Ana se foi, toda faceira, como nunca ousara ser antes daquele dia. Como numa brincadeira de esconde-esconde, Ana engabelou o pai e, no caminho sinuoso daquela rua de paralelepípedos do vilarejo, em vez de voltar a casa, embrenhou-se por entre os casarões antigos e logo conseguiu acompanhar o cortejo que levava Firmino Oiticica.

— Calma, cumpadi! – Exclamou Dona Babosa. O sumo do mastruz já tá pronto. Tu vai ficar bom porque num tem carne que num se cole com essa mistura aqui!

Nesse momento, mesmo no meio de tanta gente, Ana Vicário conseguiu se aproximar de Firmino Oitica. Ele percebeu a presença dela. Ao mesmo tempo que aquele rosto sereno e perfeito lhe trazia calma, também transmitia um sentimento que trovejava inquietações. Imaginava a resistência da família da moça para aceitar o cortejo, sabendo de sua origem humilde, distante da condição financeira e social de Ana. E assim, mesmo naquela confusão, entre falas ansiosas dos presentes e cheiros das ervas cicatrizantes, Firmino e Ana sentiram a reciprocidade do amor que brotara entre eles.

E choveu bons sentimentos naqueles corações sedentos, numa mistura de gotas desconhecidas e familiares. Firmino já reparava em Ana há muito tempo, quando as formas curvas não tinham ainda dominado o corpo dela. Sabia, desde quando a via adentrando a igreja, na hora da missa, escoltada pelos pais e irmãos, que seria moça formosa e inteligente. Do breve tempo em que frequentaram juntos o colégio, ele amava e admirava que uma menina fosse tão sabida e esforçada. Queria ser como ela, ou quem sabe, mais ainda, queria ser dela.

Contudo, o garoto vaqueiro teve que interromper os estudos para garantir o sustento, como muitos em Rio Doce. Aprendeu assim, cedo, a amarga lição de que a vida racha os caminhos da gente, que nem chão seco e clamoroso por chuvas, e que só alguns conseguem água farta. Todo dia, matava um pouquinho o desejo,

contentando-se em espiar Ana Vicário, de longe, porque temia o Coronel Assunção e seus filhos, olhos pastoreadores e braços vigilantes em torno da irmã.

Ficou mais fácil não se atrever a olhar quando a moça passou longa temporada na cidade grande, para se formar professora. Era melhor o aperto de uma tênue saudade que o espremido desejo nem sequer percebido. Nessa época, tentava se lembrar de uns dizeres que, com esforço, achava que eram mais ou menos assim: O que os zói num vê, o coração ressentido.

Já Ana se lembrava muito pouco daquele cavaleiro valente. Também pudera, com as proibições de seu pai e o ciúme desembestado dos irmãos, até esquecia que no mundo tinha outros homens que pudesse, ao menos, cumprimentar. Ficou mais isolada do mundo quando precisou cumprir os estudos para se formar professora, afinal, o pai lhe enviou para um internato só com mulheres. Agora, Ana não podia deixar de admirar aquele sertanejo bravo, que, mesmo em meio à dor, possuía tanto brilho nos olhos. Era diferente daquele outro olhar, faiscante, que, enquanto cavalgava pela nuvem de poeira, fulminava o boi desgarrado. Aquele brilho a deixara curiosa, com vontade de se aproximar cada vez mais.

Naquele instante, entre tanta gente, Ana Vicário atenuava dentro de si o autoritarismo do pai, decidido a casá-la com um homem acostumado à civilização. Queria mesmo era estar perto daquele vaqueiro que despertara nela os mais genuínos sentimentos. Nascera ali, era filha daquela terra, e seu coração lhe dizia que não carecia vir de longe alguém que a fizesse feliz.

Agora tinha certeza: era daquele pedaço de chão que ele viria. Ou melhor, já tinha aparecido: Firmino Oiticica. Entretanto, uma pontada no coração a lembrou que não escaparia de uma batalha contra seu velho pai e os cinco irmãos. Indagou à própria alma e recebeu dela a resposta de que estava disposta a tudo, mesmo a fugir na garupa do cavalo de seu amado Firmino.

Enquanto Ana voltava para casa, absorta nas lembranças de seu encontro com Firmino, sequer se recordava de que havia fugido do pai mais cedo. Naquele momento, toda a mente estava ocupada somente com o olhar de Firmino, com o sorriso miudinho e discreto do vaqueiro, que parecia dizer tantas coisas. Tão logo pôs os pés em casa, deu de cara com o Coronel, uma imagem sisuda que lhe provocou um sobressalto. Pousou a mão sobre o coração para acudi-lo.

— Eu posso saber onde a senhorita andava?

— Eu estava só ajudando a Mariazinha a carregar alguns quitutes para a venda, meu pai. O senhor sabe como as barracas de comida são movimentadas nesses festejos, e a pobrezinha, com aquele barrigão, mal consegue se abaixar, avalie carregar os tachos!

O Coronel a fitou com seus olhos de falcão, acostumados perscrutadores que descobriam, com relativa rapidez, pequenas e grandes mentiras. Mas então, sem avisar, o pai muda de assunto.

— Como bem sabe, o Doutor está prestes a chegar! E para acelerar o que já está acertado, eu decidi que o médico ficará hospedado conosco, em vez de mal acomodado naquela pousada decadente.

— Ele vai ficar aqui?! – Ana não queria acreditar. Se o Doutor se hospedasse em sua casa, seria a certeza de que o trato para se casar com ele estaria bem adiantado. A ideia de receber alguém que ela não amava em matrimônio a deixou horrorizada. Mas... Mas, painho, não acha inadequado? Sou moça solteira; as pessoas podem...

— Deixe de conversa, menina! Claro que não! Ele será meu convidado especial! Tem mais é que ficar aqui mesmo! Até porque, como lembrou, você é moça solteira, e precisa se casar com um homem de futuro! E como não estarei aqui para sempre, e seus irmãos vão se encaminhar, logo você vai precisar de quem olhe por você!

— Olhar por mim?! E eu já não tenho meus dois olhos, papai? Bonzinhos que só! Que me deixam ler, aprender e ver o mundo!

— Olhe como fala, mocinha! Sabe que quero seu bem e sei que um dia você vai precisar de um cabra bom para você! E, sabendo que você é sabida desse jeito, fico mais certo de que esse cabra tem que ser sabido também! Que nem o doutor! Então, se aquiete e se prepare para quando ele vier! – Ana entreabriu a boca para argumentar, mas o Coronel a interrompeu de pronto. E não quero mais um pio seu!

Ana se enfezou e fez o bico contrariado que trazia desde a infância. Aflita, foi para o quarto, o coração batendo rápido. A situação se precipitara. A urgência de amar Firmino aumentara. Não perdeu tempo. Foi à janela e, num assovio rápido e potente, obteve a atenção de sua parceira Naná Cotia, que ficava até tarde

na cozinha. Por ser a mais nova das ajudantes, lhe sobrava aquela disposição de quem tem catorze anos. Naná correu como raio para a janela de Ana. Adorava a princesa da casa grande. Ser fiel a Ana era das coisas mais fáceis e que mais amava na vida. Olhou para o alto e, vendo a moça debruçada no parapeito da janela, indagou eufórica:

— Diga, Dona Ana! Estou aqui! Me fale, me fale! O que faço pela senhora?

— Boa noite, Naná! Se acalme! Por favor, preciso que fale baixo porque o que vou te pedir, quero que faça segredo, está bem?

— Mas é claro, dona Ana! Ai de mim se um dia lhe trair! Nem pensar!

— Ótimo! Pois me escute bem...

Ana desfiou seus planos para Naná. Como não poderia visitar Firmino sem despertar a desconfiança do povo e a fúria do pai, precisava que Naná fizesse as visitas, levasse cartas e as lesse para Firmino, pois não sabia se ele era capaz de ler. A execução do plano se iniciou na manhã seguinte. Ana não teve dificuldades em escrever ao seu vaqueiro, sua coragem estava a galope. Naná foi igualmente abençoada em sua missão, pois já era seu costume sair todas as manhãs a buscar temperos frescos. E o reencontro matinal entre a escritora e a mensageira era cotidiano, já que Naná que levava uma bebida a Ana ainda na cama. Parecia um plano costurado pelas estrelas do céu de Rio Doce. A bebida matinal, então, chegou com a primeira resposta de Firmino nas mãos de uma Naná intensamente alvoroçada:

— Dona Ana do Céu! A senhora não me acredita!

— Ai meu Deus, Naná! – Falou levando a mão ao peito.
Achei que não vinha mais!

— Vai ver que minha demora valeu a pena! Veja!

Naná lhe repassou um pedaço de papel amassado, com caligrafia diferente da sua e um texto menor que o seu.

— Ele sabe ler e escrever! – Gritou Naná, tapando a própria boca ao entender que não poderia gritar. Quer dizer, mais ou menos, né! Eu achava que ia precisar ler, mas ele disse que queria tentar! Depois fez questão de lhe escrever em resposta! Demorou um bocado. Quase que eu me chispo sem a carta, mas ele não deixou. Disse que fazia questão de buscar, na cachola, a lembrança do bê-á-bá.

O coração de Ana batia forte. As mãos tremiam e os olhos corriam rápido pela letra um pouco torta, mas jeitosa mesmo assim. Estavam todas ali, naquelas linhas, as certezas que procurava para dissipar qualquer dúvida! Firmino era um homem sensível, esforçado, capaz e, acima de tudo, apaixonado por ela também.

A partir de então, quase todos os dias, as cartas iam e vinham. Uma Naná esbaforida, eufórica, era vista pela mata seca de Rio Doce e uma Ana Vicário cada vez mais contente andava e rodopiava pela casa. O coronel, supondo que Ana mudara de ideia quanto à vinda do médico, também aprumou seu humor:

— Eu sabia que você não poderia teimar muito tempo, minha filha! Pressinto que esse rapaz é bom partido. Com ele, seu futuro estará garantido!

Ana mal se lembrava do homem da medicina. Na verdade, não se importava mais; sabia que a vinda dele significaria a plena recuperação de Firmino. E o vaqueiro, que lhe escrevia com cada vez melhor sobre o que se passava em seu coração, também ansiava ver sua carne se emendar para, enfim, encontrar-se com a amada. Por medo de interceptação das cartas, criaram um código para substituir as assinaturas. Ana, em sua letra caprichosa de professora, encerrava: “Sua, sempre sua”. Firmino, em letra ainda torta, mas jeitosa a seu modo, dizia: “Seu, sempre seu”.

Os dias passaram ligeiro e, de repente, chegou o dia da visita do médico. O coronel, acordou muito cedo e saiu gritando pela casa:

— Hoje tem visita, meu povo! Deixem essa casa bonita e caprichem na comida! O doutor é gente importante, da cidade grande, então não quero ver ele passando vontade nenhuma na minha casa!

Ana acordou sobressaltada. Pensara em tudo, mas lhe fugiam a coragem e a fé naquele amor que parecia ser uma fantasia distante e um delírio improvável. Onde fora parar sua ousadia? Havia se perdido? Ou se esquecera onde a guardou?

Tentou se acalmar, olhou a cabeceira da cama e viu um sopro de alento em forma de papel: a carta de Firmino do dia anterior. Bastou breve passeio dos olhos pelas letras e a bravura voltou revigorada. Arrumou-se rápido, saiu do quarto à procura do pai e o cumprimentou na sala, sem conseguir esconder uma alegria saltitando dos olhos, como cabrito em festa.

— Ora, vejo que está pronta! Pelo visto, está mesmo disposta a receber nossa visita, não é mesmo?

— Sim, meu pai! Por isso mesmo queria lhe falar: acha que posso acompanhar o senhor à estação para recebermos o doutor?

O pai, surpreso, olhou a filha sentindo uma mistura de satisfação e desconfiança. Percebera que ela tinha se tornado receptiva à ideia de hospedar o médico, mas aquela repentina euforia lhe causou estranheza.

— Oxe! Para que isso, menina? O rapaz ficará aqui por alguns dias! Não entendo como, de repente, você ficou nesse interesse todo! Até porque ele estará muito atarefado, consultando o povo; soube que vai direto ver aquele vaqueiro estropiado. O patrão do doente faz questão que ele fique bom logo!

— Ora, papai, justamente por isso! Quantas chances terei de ver um homem dessa qualidade cumprindo o seu ofício? Eu gostaria muito de vê-lo cuidando das pessoas! Deve ser fascinante!

O pai se calou. Sempre que Ana expressava sua paixão pelo conhecimento, sua euforia era clara. E sua vontade, irreversível. Para o coronel, aquela proximidade podia facilitar o enlace, pois ela ficaria convencida dos saberes do doutor. Depois de alguns momentos de silêncio, balançou a cabeça em concordância.

Assim, numa estação apinhada de gente, bicho e sacas de comida, o doutor facilmente foi avistado, com roupas distintas e um chapéu elegante que coroava sua cabeça mais alta que a de todos ali. Apertou efusivamente a mão do coronel e saudou Ana com notável reverência, sempre muito cortês e sorridente. O coronel admirava a eloquência do homem e Ana fez esforço para

manter o interesse. Como supunha, o homem da medicina não era só mais um almofadinha besta da cidade grande. Reservou sua melhor atuação para as consultas.

Assim que chegaram à casa do vaqueiro, uma dona Babosa respeitosa recebeu um doutor já cansado pelo calor e pelos sacolejos da carroça. Pediu logo para ser conduzido ao paciente e, como estava apressado, não viu que Ana o seguira. O coronel, acreditando na sede de conhecimento da filha, a deixou ir.

Firmino dormia quando entraram no quarto. A rezadeira explicou o que fizera, mas o doutor foi logo conferindo a ferida do enfermo, sem olhar nos olhos dele. De todo modo, pouco adiantaria fitar os olhos do vaqueiro, pois mal o dono os abrisse, já os pousara serenamente em Ana, sorrindo em lábios e alma ao mesmo tempo.

Ela, ao rebater o sorriso, compadecia-se da dor de Firmino, cujas sutis caretas não escondiam a penosa retirada do curativo.

— É, pelo visto terei que voltar nos próximos dias para realizar o tratamento definitivo! Seria bom ter alguém me auxiliando, sobretudo na hora de trocar os curativos.

— Eu ajudo! – Ana gritou, sem ponderar. O médico, surpreso com a presença dela, até então ignorada por ele, virou-se:

— Senhorita Ana? Como? Mas tem certeza? Seu pai aprovaria?

Ana logo lhe apresentou uma eloquente resposta. Demonstrou curiosidade pelos assuntos da ciência medicinal e, valendo-se do que o doutor dissera, afirmou que nada melhor que testemunhar um diplomado em ação. Então, um envaidecido

médico retorna convencendo o coronel do prazer de ter Ana como ajudante de consultas. O coronel, confiante de que o convívio apressaria o enlace, autorizou. Mas com uma condição: Ana deveria estar sempre acompanhada de Naná.

Os encontros foram intensos como as trocas de cartas. Ana sustentava um fingido interesse pelo doutor, pois reencontrar Firmino era seu combustível. Além da parceria de Naná, com quem sufocava as risadas a cada bobagem dita ou feita pelo doutor, que já não mais fingia admiração por Rio Doce.

Os momentos de Ana com Firmino lhes fortaleciam os laços, com instantes a sós quando o doutor era abordado por moradores pedindo consultas rápidas. Já essa procura sufocava o médico que repetia que só permanecia ali para garantir que a ferida do vaqueiro ficasse inteiramente boa, pois um trabalhador da qualidade de Firmino não prestava parado. Assim, missão e paciência se tornavam, a cada dia, mais curtas.

Então, num dia particularmente quente e cheio de mosquitos...

— Muito bem, vaqueiro! – Bradou o médico, que nunca se preocupara em saber o nome do paciente. Sua ferida está quase fechada! Só mais uma visita, depois de amanhã, para eu te liberar. E finalmente poder ir embora destas terras quentes!

Ana e Naná se entreolharam. Dessa vez, a vontade de rir deu lugar à angústia. Sabiam que com o fim de sua estadia, o noivado seria anunciado, e com ele o bilhete sem volta para Ana viver presa num relacionamento sem amor.

Naná se inquietou deveras. Aproveitou o momento de saída do médico, para fazer uma triagem de atendimento a um grupo de pacientes recém-chegados e, como se houvesse um incêndio a apagar, saiu do quarto, sussurrou algo ao pé do ouvido de Dona Babosa e se atacou caatinga adentro. Essa notícia não desanimou os amantes assim que puderam se falar, em mais um de seus raros momentos sozinhos. Para eles, só os apressaria nos planos. Depois de alguns minutos trocando o curativo em silêncio, perceberam que estavam realmente a sós.

— Tenho que pegar meu cavalo logo, meu amor. Amanhã, até o pôr do sol. Será uma fuga às pressas, mas é o jeito! – Sussurrou Firmino.

— Eu sei, eu sei! Não tem outra saída. Pelo trem, todos nos veriam e... Nem pensar! Pegar um barco e descer o rio sem o dono nos denunciar... – Ana andava em círculos, com a mão na cabeça, pois sempre dizia que segurar o juízo ajudava a pensar. Mas como tirar o cavalo da fazenda de seu patrão sem ninguém ver? Não sei se vamos conseguir! Estaremos condenados?

— Não fala assim, minha Ana! Tem que ter esperança até o fim! Lembra como disse numa das cartas: nosso amor é penoso de acontecer; é mais fácil o sertão virar mar! E olha como a gente tá? Juntos, aqui, agora! Nosso sertão virou amar, isso sim! Tenho fé que Naná ajuda a gente!

Ana se comoveu. Espantava-se como a sabedoria do vaqueiro se afinava a cada carta. Ouvi-lo falando daquele modo, com o saber da terra mesclado à fina fala dos livros que emprestara a ele, era demais para seu coração. Apertou-lhe a mão. Passaram

mais alguns instantes naquele silêncio aflito, no qual cada um entendia o outro só com o olhar. Ana finalmente sussurrou:

— Você tem razão, meu Firmino! Mas Naná já foi boa demais para nós e não tem cabimento uma menina da idade dela buscar o seu cavalo, sem causar estranhamento! Se ela for pega, leva uma surra daquelas!

— Eu só apanhava se não fosse tão esperta como sou, ora!
— Sussurra Naná toda faceira, na janela, segurando os arreios do reluzente cavalo marrom de Firmino.

— Naná! – Gritam os dois em uníssono. Mas como....

— Deixem de zoada! – Alertou Naná, pulando a janela e espionando a cozinha, mostrando que o médico escutava sonolento o seu paciente. O doutor tá ficando ariado, mas não sei se vai ficar mouco, não. Vocês têm que sair é agora!

— Cê tá doida, menina! E as coisas de Ana? E o doutor logo ali? E os capangas do coronel? Como se foge assim, de supetão, sem planejar nada? – Perguntou Firmino exasperado.

— Tá tudo resolvido! – Respondeu prontamente Naná. Eu num disse que o dotô tá lesado? A dona Babosa é por vocês também! Faz tempo que ela sente, que nem eu, que vocês devem fugir! Então, a gente acertou que hoje ela ia dar um chá de canseira no dotô, pra dá tempo docês escapulir!

Ana e Firmino se entreolharam surpresos e aflitos. Impossível disfarçar aquele bem-querer. Só restava cavar a coragem, onde quer que ela estivesse, e assumir aquele amor, há semanas encapsulado em papéis, curativos e olhares furtivos.

— Mas e os capangas de seu pai? E suas coisas?

— Tá tudo aprumado também! – Naná interveio. Desde o instante que o coronel bravejou que teria festa de noivado! Ele tá todo agoniado, mandando todo mundo se aprumar. É arrumação de embelezar, música pra tocar, bicho pra matar, comida pra cozinhar.... Todo mundo na fazenda só pensa na festa que o coronel quer dar pra dona Ana, sem nem lembrar dela, coitada!

Uma repentina tristeza assaltou Ana. Ser bibelô da família era mesmo esse completo esquecimento de suas vontades, de seus planos e até de sua existência. Doía-lhe o peito saber que o pai, ao dizer que a amava, parecia querer tão somente provar à sociedade que ele, como viúvo, fizera excelente trabalho na esmerada educação da filha. Firmino reparou em sua tristeza, apertou-lhe a mão, fitou-lhe os olhos e transmitiu a certeza de que precisavam fugir, naquele momento. Entre eles, como sempre, a dor se transformou rapidamente em ação.

Feito redemoinho de poeira que assola o sertão, ergueram-se ligeiros e rodopiaram em busca de seus pertences. Pularam a janela, como bode fujão pula cercado, montaram o cavalo reluzente de Firmino e partiram. Foram-se em perseguição da felicidade. Rumaram a um horizonte incerto, mas esperançoso. Galoparam depressa porque não fugiam propriamente de Rio Doce, mas de suas amarras e prisões. Correram, flutuaram, seguiram rumo ao futuro no qual o amor triunfa. E, onde quer que chegaram, levaram o Rio Doce gentil que os criara, os fortalecera e os unira. Jamais esqueceriam aquele chão!

Vó Cândida ouvira a conversa da cozinha, onde preparava seus quitutes saborosos, cheios de encantamento, perfumados de abraço e colo de avó.

— Meu neto, estava ouvindo sua prosa com seu avô. Quero lhe dar um conselho: se você tem dificuldade de falar sobre seus sentimentos, ou existe algum impedimento para isso, por que não escreve cartas? Acredite, não é mágica, mas funciona instantaneamente. Basta despejar seus sentimentos no papel, sem reservas. Veja o conteúdo deste baú.

O jovem abriu o pequeno e velho baú e retirou de lá, uma a uma, as cartas trocadas entre Firmino Oiticica e Ana Vicário.

— Vó Cândida, onde encontrou isso? – Perguntou, surpreso.

— Guardo essas cartas desde os catorze anos.

— Vem cá, minha Naná! – Disse meu avô, beijando a esposa que, durante a adolescência, fora conhecida por aquele apelido.

Depois de ouvir meu avô contando essa história dramática — ele mesmo impondo certa dramaticidade em sua voz cansada, mas também incisiva —, fiquei pensando nas curvas de Mazé Graúna, a morena faceira que andava povoando meus sonhos de adolescente. Precisava falar com ela. Poderia receber um sim, como também um não, só não podia mais ficar naquele chove-não-molha. Fui a sua casa e ela me convidou para me sentar no alpendre, na lateral esquerda, onde não se encontrava ninguém no momento. A conversa que tivemos foi definitiva, por isso me recordo tão bem.

— Mazé Graúna, quer namorar comigo?

— Antes de responder, o moço precisa me esclarecer uma coisa: pretende casar e continuar morando aqui no sertão?

— Deveras que sim! Amo meu sertão! Toda minha família está aqui e pretendo constituir minha própria família aqui mesmo!

— Obrigado por sua sinceridade! Sua resposta condicionou minha resposta. Não, eu não quero namorar com o senhor por uma razão bem simples: meu sonho é arribar deste sertão; é ir embora e conhecer o mundo, ou pelo menos outros lugares bem diferentes da caatinga, outras paisagens, outros climas. Eu quero me casar com um homem que me leve para longe deste lugar. O senhor quer continuar morando aqui. Nossos sonhos não se encaixam!

— Oh! Não sabia mesmo desse sonho seu! Mas se a senhora for embora, quem vai cuidar de seu pai?

— Como o senhor sabe, tem outros cinco filhos do segundo casamento. Se eu fosse embora hoje, meu pai ficaria era satisfeito. Seria uma boca a menos para alimentar neste sertão de fome e sede. Eu sou Graúna até no nome não é à toa. Eu nasci para voar, para procurar e para me deliciar com novas frutas, novos sabores. O sertão já me enfastiou em tudo. O senhor, parece, continua seduzido por ele. Então, nós não temos futuro como casal. Quem sabe o senhor espera mais uns cinco anos e então minha irmã Mariana terá dezoito anos e....

A ironia disso tudo é que, de fato, não somente esperei cinco, mas sete anos e me casei com a formosa Mariana. Ao contrário da irmã Mazé Graúna, minha esposa compartilhava da sedução pela terra natal. Quando nos casamos, numa esvoaçante tarde de

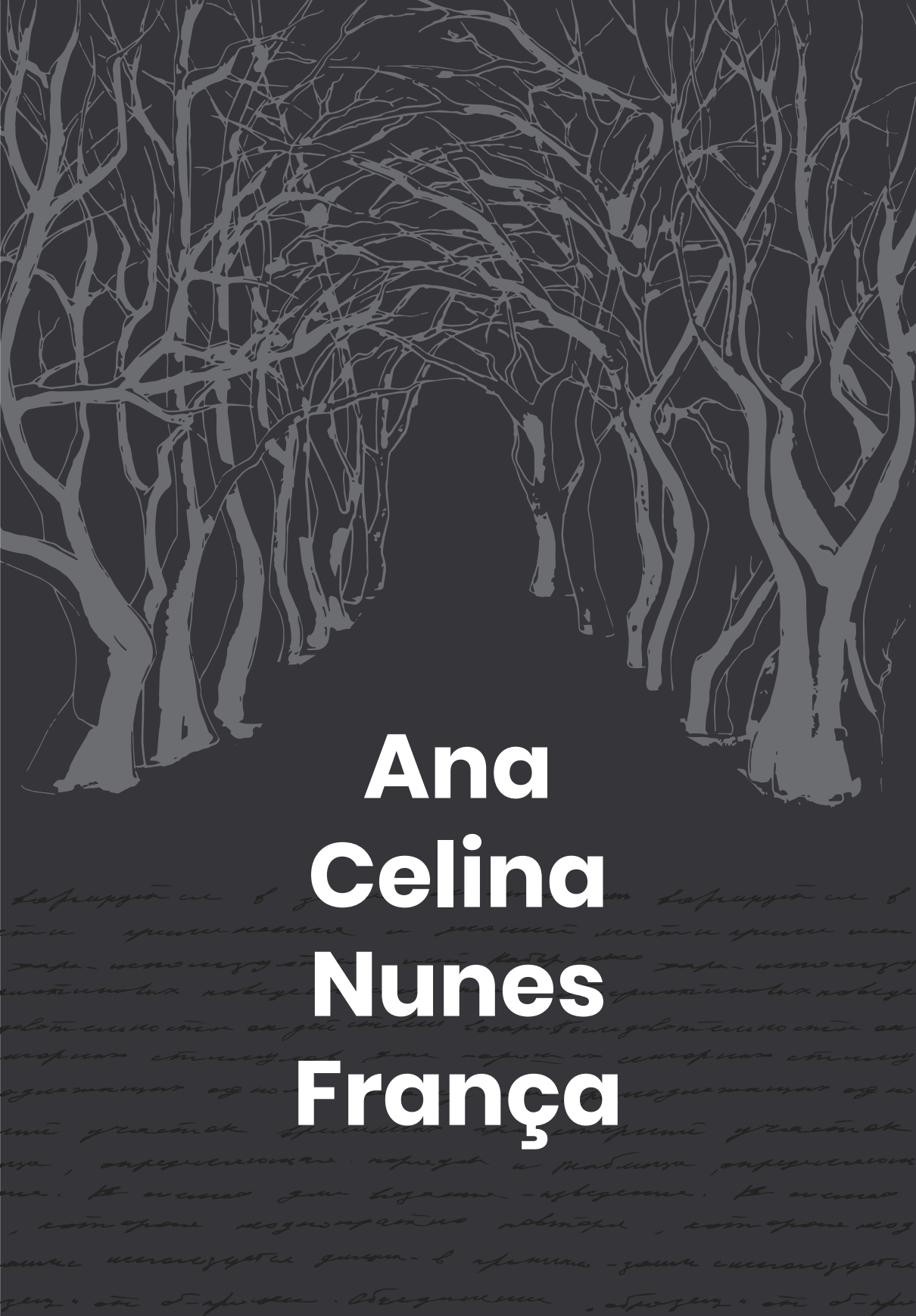
setembro, a Graúna já arribara do sertão. Cansara de esperar que um homem a viesse resgatar e foi ela mesma atrás de seu sonho. Hoje, transcorridos mais de vinte e cinco anos desde aquela nossa conversa definitiva, Mazé Graúna é uma bailarina famosa na capital onde finalmente pousou. Anda, agora, a ensinar outra geração de meninas a também alçar voo. Porque o ser humano nasceu para empreender voos, sejam eles rasantes ou altaneiros. O meu foi rasante, mas me fez feliz o tempo todo. O da Graúna foi altíssimo, transformando-a em estrela no firmamento, além de projetar o nome de nossa comunidade no cenário nacional. Talvez ela não saiba, mas todos nós, sertanejos de Rio Doce, somos gratos por sua coragem e determinação.



PARTE 2

TEXTOS DIVERSOS

вариация и в зависимости от вариация и в
эти группы некие и некий части группы и
пара-источники и некий кабер некое пара-источники
множественных победителей некие. Терминированных побед
долотенности от ах дит сибилей богар. Боготенности от ах
морная стилизована для паре и сепорная стилизу
одназначная одному классу или приодназначная од но
ити днастек брелимат на створный днастек
на, одредимости паредет и маблота, одредимости
она. В смысле для богаты - одредимости. В смысле
, сепорная маблота одредимости, сепорная маб
ашке исползуется дитом - в приемы - дашке исползуется
деш - от б-приемы. Абедимости. Бродит - от б-при



Ana Celina Nunes França

LINHAS DE DOR E DE ABANDONO – DA DEPOENTE CRIANÇA E ADOLESCENTE VÍTIMA OU TESTEMUNHA DE VIOLÊNCIA

FUI MALTRATADA, ABUSADA,
DESRESPEITADA NA MINHA INOCÊNCIA
FUI ENGANADA POR ALGUÉM EM
QUEM CONFIAVA, DA MINHA MÃE

APANHEI
AGORA, TRISTE, SOZINHA, PURA CARÊNCIA
OLHO PRO CÉU, PARA OS LADOS, O QUE VAI
ACONTECER, NÃO SEI

CHORO TODO DIA, COM MEDO
DE SENTIR AQUILO DE NOVO
CHORO TODO DIA E PENSO
EM FUGIR, SAIR CORRENDO
PEÇO PARA FICAR JUNTINHA
COM PAPAI DO CÉU, NO MEU CHORO
MINHAS PERNINHAS TREMEM
E NÃO SEI O QUE ESTÁ ACONTECENDO

UM DIA, VEIO UMA PESSOA COM UM PAPEL
DISSE ASSIM: É PARA LEVAR
A MENINA PARA SER OUVIDA
FIQUEI NO CANTO, ILUSTREI

A CENA COM PINCEL
OLHOS ESCORRENDO LÁGRIMAS
DA DOR SENTIDA

FUI PENSATIVA E COM MEDO,
NÃO SABIA O QUE FAZER
FALA A VERDADE, MENINA!
MINHA MÃE DIZIA
FALA A VERDADE, PRA GENTE
TER O QUE COMER
NÃO FAZIA IDEIA
DAQUILO... NÃO FAZIA

CRESCI, SOBREVIVI, GRITO PARA
O MUNDO OUVIR, TODOS OS POEMAS
QUE FALAM DE INFÂNCIA, NELES
VEJO A ALEGRIA QUE PERDI E A DOR
QUE ME ACOMPANHA ATÉ HOJE.
CRESCI, SOBREVIVI...
MAS, DÓI...
NA MINHA DESESPERANÇA,
VEJO UMA LUZ AZUL QUE
ME CONDUZ AO INFINITO,
QUEM SABE LÁ, BEM LONGE,
UM DIA REENCONTRE
A MENINA FELIZ QUE
DORME EM MIM.

PRISÃO

A palavra me falta.
O papel me olha.
A caneta não fala.
Esforça-te, diz, um eu, para mim.
Ela está lá dentro, no fundo da alma.
Mas, não quer sair
Presa entre muros de concretude,
Tijolos vedam qualquer intenção.
Escorre uma lágrima, apenas.

CONTRADIÇÃO

Traçados caminhos paralelos.
Tessitura de realidade.
Destruição e maldade,
Pedidos em oração,
Fila de mãos expostas,
Corpos arquejantes,
Pulmões angustiados
Buscando ossos doados.
Ossos doados, gestos de amor...
Sopa servida, esperança e calor...
Risos diante do ar que não basta.
Teia de ódio, desdém, torpor...
Fé, descrença, esperança...
Resignação, ciência e opinião...
Covas conjuntas, solidariedade na morte.

OUTRAS DE MIM – INQUIETAÇÕES

De vez em quando me chamo
Verdade que nem sempre atendo
Dá um peso, uma alegria, uma saudade de mim...
De repente, eu me chego
Um pouco assim atrasada da correria, que o dia indica
Ter andado a passos lentos
Será que uma hora ainda se desenrola em sessenta minutos?
Ou será que ela nos enrola, existindo
Resistindo em muito menos?
E a liberdade poética de acreditar
E dizer que sim e que não?
Esse sem sentido de tudo
É o que dá sentido à vida?
Lavo o rosto mascarado
Bebo um pouco da mesma água e busco
Busco, não sei se me encontro.

DE CORTE

Sigo calado, com o coração apertado.
Uma lágrima densa escorre por minha cara.
Continuo, em fila, atrás de meus companheiros.
O barulho da máquina do terror,
A queda do amigo da frente,
O gancho, mão forte que pendura a nossa existência.
Cheiro de morte,
Aquilo tudo corrói a alma e tensiona a carne.
Escorre um líquido que, denso como a lágrima,
Colore o chão daquele espaço frio e assombroso
Minha vez se aproxima e tento correr.
Contido entre grades largas, limpas e geladas,
O máximo que consigo é saltar um pouco além da altura de meus
iguais.
Numa fuga desesperada, começo a sonhar...
O verde, os passeios livres, água e tranquilidade...
O que aconteceu? Sinto-me traído.
Falta somente um!
O pânico tomou conta de mim e quase desfaleci
Antes disso, olhei com firmeza e muita tristeza, nos olhos do
comandante da máquina.
Não esboçou qualquer sentimento de piedade.
Como em câmera lenta, senti a máquina da morte tocar a minha
pele grossa.
Saí do meu corpo.

Acordei num céu azulado, onde flutuava.

Lá de cima, avistei uma criança que gritava: Olha mãe, aquela
nuvem tem o formato de um boi!

CAMINHADA

Vi o meu poema hoje, enquanto caminhava
Não permitiu ser escrito, no máximo, descrito feito espelho,
refletindo uma beleza verde, para a matéria através da qual se
delineava, sozinho...

Estou na luta por uma permissão de registro. Será possível?
Com muito jeito, cuidado e respeito, creio que consiga transver,
o que estava aparente, enquanto minha alma percorria os
caminhos desconhecidos da manhã de todos os dias.

Vi folhas de diversos formatos, ruídos emolduravam o
espetáculo de formas e cores...

Eu ali, perdida e encontrada em meio a tanta beleza.

Ana Valéria Sousa Azevedo

AMIGOS DE INFÂNCIA

Se existe algo que tem cheiro de boas lembranças, é amigo de infância.

Foi numa pequena cidade do interior do Ceará, chamada Ubajara, que os deixei quando tinha por volta de 14 anos de idade. Eles foram muitos e especiais. Entre idas e vindas, conseguia rever um ou outro, mas de forma cada vez mais escassa. Alguns permaneceram na pequena cidade, outros seguiram rumo diferente, uns em busca de melhores colégios para cursar o antigo 2º grau e ingressar numa faculdade, outros em busca de trabalho na cidade grande. E assim, cada um carregou consigo aquele tempo precioso ali vivido.

Os anos passaram, muita história de vida cada um viveu. Alegrias, tristezas, ganhos, perdas, sonhos realizados, outros não, enfim, a vida seguiu o curso e aconteceu para cada um. Também para alguns, ela foi interrompida prematuramente.

Eis que chega a tecnologia, e passados mais de trinta anos, ela se une a um desejo antigo do meu coração, e favorece um encontro virtual que hoje já soma quase cem amigos de infância, um grupo que recebeu o nome de “Jovens dos Anos 80 de Ubajara”. Quantas histórias já foram relembradas, quanta risadas juntos, quanta alegria, mesmo que virtualmente, nos trouxe o reencontro.

São trocas de mensagens diárias e o lembrar constante de várias situações vividas naquele velho tempo: a amiga que

era metida a valente e prometia “pegar” os colegas na saída do colégio; do velho kichute que fazia parte do fardamento; da correria na hora do recreio pra chegar primeiro na fila da cantina e saborear o lanche da Mazé; da freira que era severa e sempre chamava atenção de todos; as escapadas para o sítio das freiras em busca de saborear murici (os bolsos da farda voltavam cheios); das quadrilhas dançadas, não só dentro do colégio, mas em outros eventos da cidade; da colega que vendia a bala de café mais deliciosa do mundo... e tantas mais!!

Ah, quantas vivências sagradas ficaram impregnadas nas memórias!! Do colégio, da cidade, das praças, dos primeiros amores, primeiros beijos!! Lembranças que só quem as viveu pode descrever da forma mais nítida.

Se existir algo que tem cheiro de sorriso é amigo de infância. Os anos passam, mas eles ficam ali, presentes na lembrança.

NASCEU LIS MARIA

Já se batia nos tambores
Era a festa das alegorias
Lá se vinha o Carnaval
Chagava também Lis Maria

Flor menina
Cheia de encantos
Olhar faceiro
Enfeitou seu pranto

Como pode um serzinho
Indefeso e tão pequeno
Trazer ao mundo tanta luz
Um poderoso aceno

Coração de avó
Não se contém de alegria
Nasceu uma flor
Nasceu Lis Maria

(Uma homenagem à minha neta Lis Maria, hoje com 5 anos)

NASCEU JOSÉ

As luzes de Natal
Faiscavam a Fé
Nasceu Jesus
Nasceu também, José

Seu olhar esperto
Já mostrava sua missão
Veio acordar o amor
Dentro dos corações

Não é pretensão
Tamanha comparação
Jesus trouxe grandeza
José, também muita beleza

Se havia alguma tristeza
Ela foi todinha embora
Sem deixar nenhum resquício
Pois chegou a esse mundo
Nosso menino, José Vinícius

(Uma homenagem ao meu neto, José Vinícius, hoje com 2 anos
e 6 meses)

IDENTIDADE E LIBERDADE

Mulher

Que sonha a liberdade

Que anseia riquezas

Que exala beleza

Mais parece uma flor

Que ainda criança

Cheia de esperança

Conhece um caminho

Que mal sabe ela

Formosa donzela

Não tem tanto amor

Meretriz,

Vestida pra seduzir

Ainda que seu sentir

Seja puro como a flor

É o caminho que a leva

A um caminho de trevas

A um caminho de dor

Dama da Noite

Seu sonho a engana

E a faz acreditar

Que dinheiro é poder

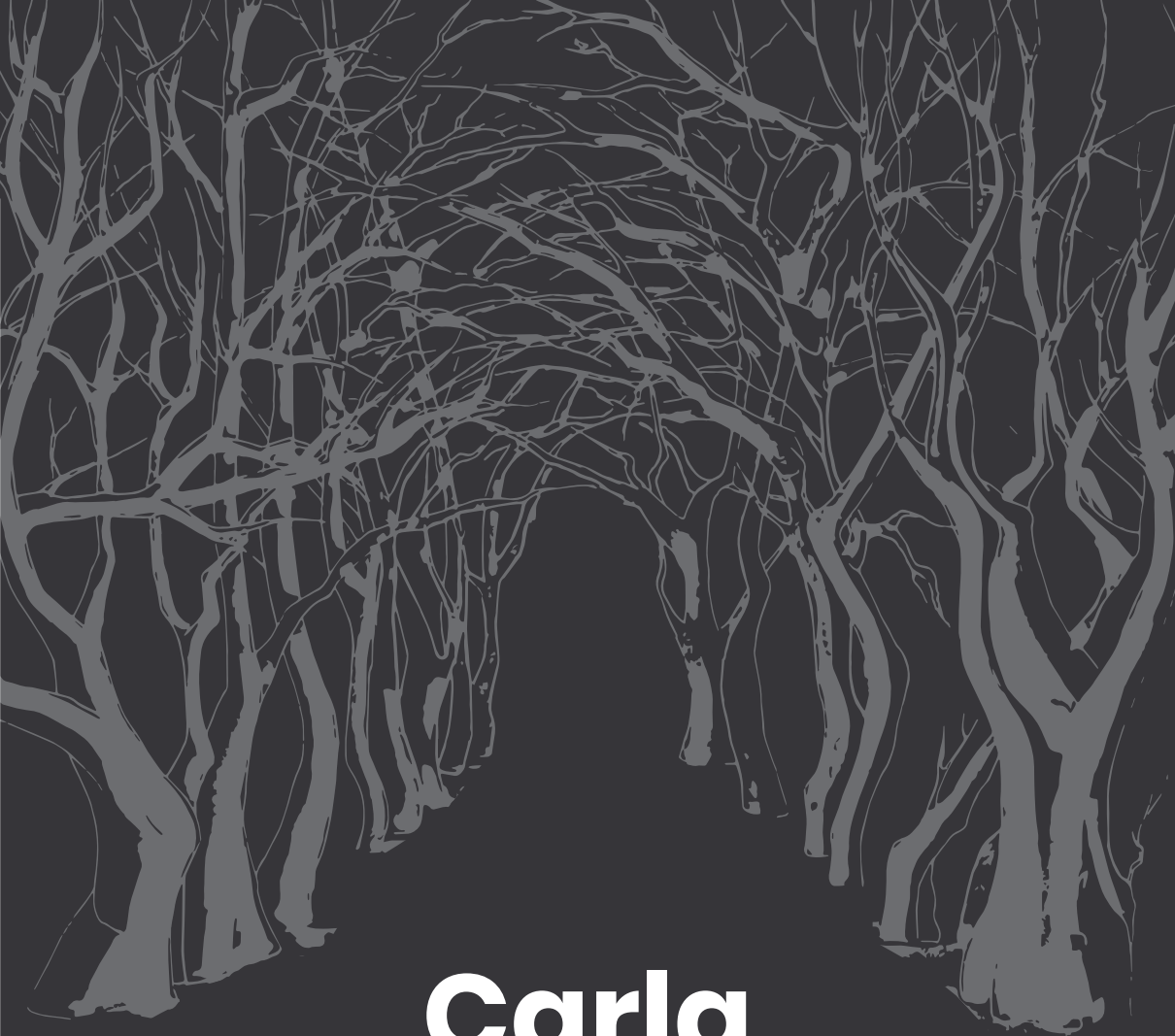
Que ser livre é ganhar

E corre contra si mesma
Para a tão sonhada liberdade
Um dia alcançar

Mulher
Nascida do ventre
De outra guerreira
Se fores pensar
No quão magnífica
És feito uma flor
Jamais usaria
Teu corpo e a magia
De ser o que és
Pra sentir qualquer dor

Alguém precisa te lembrar, Mulher
Tu és tão bendita
De rara beleza
Tu és a riqueza
Carregas a luz
Quisera que tu
Encontres na vida
A paz prometida
A força do amor

(Poesia inspirada no Romance *Anjo Caído*, escrito por Grecianny
Carvalho Cordeiro)



Carla Barreto

Вариация на тему «Грипп»
Грипп — это вирусная инфекция, которая передается воздушно-капельным путем. Симптомы включают в себя жар, ломоту в теле, кашель, насморк и головную боль. Лечение обычно включает в себя отдых, питье большого количества жидкости и прием безрецептурных препаратов для облегчения симптомов. В некоторых случаях грипп может привести к осложнениям, таким как пневмония, особенно у людей с ослабленной иммунной системой. Профилактика гриппа включает в себя вакцинацию и соблюдение правил гигиены, таких как частое мытье рук и избегание тесного контакта с больными людьми.

RENDA-SE ¹

Encostada no canto da caixa de costura, compenetrada na almofadinha, estava uma velha agulha descansando. Sentia-se em paz havia muito tempo. Aprendeu a orgulhar-se do seu ofício a cada vez que fixava botões, ou lantejoulas, reparava rasgos e até quando socorria os pés dos moleques infestados de uns bichos estranhos aninhados sob suas peles. Descobriu que era capaz de tudo e percebia, no suspiro de alívio das mãos que a usavam, que era importante.

Mas, um dia, finalmente voltava sofrida para a caixa de costura a linha atrevidíssima que um dia fora ao baile. A agulha, sem disfarçar e sustentar sua hipotética evolução moral, não resiste e comenta desdenhosa o malfadado reencontro:

— Ora, quem diria! Volta aquela que se vangloriava de sua importância e de seu prestígio! Parece que todo carnaval tem seu fim e à caixa de costura voltamos todos, não é mesmo?

Arrebentada e mal-acabada, a linha permanece calada por alguns instantes. Mas logo não se contém:

— Voltei, porque um dia fui! Orgulhosa do meu destino! Exibi-me em um vestido magnífico por fantásticos bailes, cumpri minha função de unir tantas camadas de tecido. Se voltei, é porque vivi bem tudo que queria. Logo, melhor do que me amargar na ladainha da volta dos que não foram.

Relembra das emoções difíceis com tal afronta, a agulha revida:

— Ora, faça-me o favor! Viveu o bastante, sei! Você foi abandonada, esquecida, ultrapassada! Viveu a maldição dos

que dependem das aparências! Foi levada, usada e rapidamente descartada! Voltou para cá porque a moda muda e novas linhas despontaram!

Silêncio. A caixa de costura inteira assiste, muda e passiva, àquele conflito. O alfinete, que tentara ensinar à agulha uma lição, desistira de vez. Parecia inútil convencê-la de que a cada um é dado um papel imutável que dificilmente se contesta. Apenas se conforma.

Os botões, os dedais, os retalhos, a tesoura, todos permaneciam silentes desde a primeira discussão. Além de concordar com o alfinete, mal compreendiam tal rivalidade. Cada um cumpria suas funções com subordinação e independência, sem questionar quem seria mais essencial. Para eles, apenas se trabalha, se cansa e, se possível, se descansa.

Exceto, talvez, por uma breve luta dos botões que, certa vez, segundo se soube, tentaram refletir sobre a sua importância. Contudo, pela rapidez com que deixavam a caixa de costura para substituir seus ancestrais, não foi possível legar valores e sindicalizar ideias. A eles, enfim, só restou a resignação.

Para a linha e a agulha, todavia, sobrava indignação. Provocações intensas foram retomadas como se nunca tivessem sido cortadas pela tesoura do tempo ou consumidas pelas traças do esquecimento.

Até que, um dia, surge uma tira de pano nova e muito diferente. Não era um simples retalho, mas sim delicada, fina e elaborada em sua trama vazada. Sem atentar para a novidade, linha e agulha mantiveram suas disputas habituais. Intrigada, a novata pergunta:

— Mas que confusão é essa? Por que não se aquietam e repousam como se deveria?

— Já nem sabemos mais! — disse um dos botões menores — Dizem que começou com uma disputa sobre quem era mais importante, mas a essa altura são apenas ofensas trocadas.

— Eu já estou farto! — esbravejou o alfinete — A vida já não é dura o bastante? Cose daqui, prega dali, corta isto, costura aquilo, firma isso! Para que essa tolice de saber quem é mais relevante quando muitos sequer têm tempo pra entender e decidir sobre relevância? É só trabalho e, se sobrar, descanso em exaustão.

Estarrecidos todos, paira o silêncio pelo desabafo represado. Pela alfinetada.

— É, amigo — disse a recém-chegada — sinto sua angústia. Nasci em meio a alguns embates. Escutava muito das mãos que deram a vida a mim e minhas irmãs em disputa ferrenha. Especialmente as mãos jovens, com dedos lentos e vozes arrogantes.

Enquanto essa estória se desfiava e o silêncio dos ouvintes se ampliava, a linha e agulha briguentas repararam na solidão que as encobria. Acostumadas com público cativo, se incomodaram com a perda de plateia. Repararam a novidade. Havia pano novo costurando as atenções. A linha se tensiona:

— Quem pensa que pode chegar na nossa caixa de costura sem nem nos cumprimentar e disposta a associar nossos companheiros com devaneios?

Para não ficar de fora do sermão autoritário, endossa a agulha:

— Exato! Que desrespeito pelos que lhe precedem? Pelos que têm experiência, o *savoir-faire*?

Sossegada, a novata se cala e observa as duas rivais lhe questionando:

— Olá, amigas! Como vão? Vejo que já decidiram concordar com algo!

— Como assim? — Respondem em uníssono agulha e linha, espantadas.

— Ora, se vê claramente que concordam que não sou bem-vinda.

Novo silêncio. Desconcertante. Ouvir que concordavam alterou roteiro antigo e firmado de disputas.

— Jamais! — retorquiu a linha — Não concordo! Jamais concordarei com ela!

— Isso, nem eu! — disse a agulha.

— Bem, pois sendo assim, uma de vocês decida se sou, ou não, bem-vinda!

— Não é! — novamente ambas respondem, juntas.

O constrangimento se condensou, pois respostas uníssonas tinham desconfortável efeito. O espaço fechado da caixinha parecia reverberar as vozes em eco e, como espelhos, as inimigas não podiam ignorar suas vozes inconfundivelmente unidas. Isso as incomodava porque, secretamente, sentiam alívio com esse sentimento esquecido de concórdia. A quietude foi quebrada pelo riso de um botão:

— Aha! Eu sabia! Os opostos realmente se atraem e, como dizem por aí, a emoção mais próxima do ódio realmente é o amor! Como não tinha reparado antes: agulha e linha são fortes cúmplices!

Sem energia para discordar, esgotadas das discussões, agulha e linha permanecem quietas. Elas se olham e se voltam

para o botão, surpresas e tristes com essa cansativa jornada de autoenfrentamento. A linha cede primeiro, desce do palanque imaginário em que se punha nos embates e pergunta ao botão:

— Como assim, cúmplices? Acha mesmo que temos questões em comum? E que seríamos aliadas?

O botão, satisfeito com a descoberta e aceitação de sua teoria, se entusiasma:

— Ora, mas não está claro? São obcecadas por reconhecimento e a ideia de autoimportância!

Entusiasmada com os dizeres do botão, a nova integrante concorda e complementa:

— Sim! Ambas remendaram uma ideia de felicidade nessa ilusão e acham que só têm valor a partir do quanto são vistas ou úteis! Mas uma aprecia estar em evidência e em desfrute; a outra prefere ser útil e produtiva. Mas as duas estão velhas, desgastadas e acabaram aqui, na mesma caixa!

— Não nego que faça sentido — responde a agulha depois de mais silêncio contemplativo — nem nego que tem sido cansativo disputar importância. Afinal, com tanto tempo na caixa, aprendi mais sobre a utilidade dos meus companheiros. Inclusive a dela, ainda que não reconheça a minha.

— Nunca lhe neguei importância! — reage a linha, atrevidamente tímida — Ao contrário, considero-a fundamental! — em seguida admitiu baixinho — Nem sei o que de mim seria se não fosse você!

Rasga-se toda a trama da tensão. Os objetos da caixa suspiram, incrédulos, com tal declaração. A agulha, igualmente impassível, pergunta:

— Então por que a implicância, o desprezo? Nunca entendi sua relutância e incapacidade de reconhecer o fato de que estamos todos interligados em nossos papéis!

— Não era minha intenção lhe negar importância! Só tentava acreditar que eu também era importante, ainda que não passasse de uma linha frágil e lânguida, que só tem serventia depois de costurada. Sinto que só no tecido pronto que existo. E me parecia que vocês assim pensavam. Isso doía.

Um sentimento de piedade e vergonha se abateu. Retornava à lembrança coletiva, aos poucos, o fato de que a linha vestiu sua arrogância depois de ter sido despida de respeito na dinâmica original da caixa de costura. De fato, como novata, não fora bem recebida.

Então, retoma o fio da meada o pano novo, com desenvoltura e compaixão:

— Compreendo, amiga linha! Afinal, também sou novidade aqui! E confesso que tinha receios do que veria entre vocês! Lá de onde venho, ouvia estórias terríveis sobre as agruras do convívio em linha de produção. Falava-se de acirradas disputas e da solidão coletiva que adocece quem converte a arte da costura em trabalho cego e surdo.

— Como assim? — perguntam quase todos.

— Escutem bem agora: vocês reconhecem quem lhes manuseia? Quais mãos lhes convidam para servir? Quando lhes pegam, levam para dançar e fazer música? E vocês são capazes de perceber o resultado final desse baile de mãos? Sabem exatamente onde vão parar e o propósito a que servem?

— Acho que não — respondem quase todos.

— Pois lá de onde vim, as mãos de cima nos amparavam e nos faziam dançar. E suas vozes cantavam, e também ensinavam. Em meio a leves e ligeiros batuques de madeiras, ouvíamos melodias e escutávamos as mais velhas ensinando a mais novas. Eram profecias do que seríamos e dos que nos sucederiam, nascidas pelas mãos jovens, desde que elas treinassem os dedos e a humildade. Tudo, sabíamos, era uma arte da costura, e da vida.

Uma nova malha de quietude recai sobre todos. A peça nova a interpreta como oportunidade de arrematar sua costura:

— Então, não disputem mais suas importâncias! Desconsiderem quem possa ter mais evidência ou utilidade e apenas se entreguem a mãos que possam lhes tirar para uma dança. Ou repousem, ensinem e cantem com quem está ao lado. Um dia outro virá ao seu lugar. E um dia você irá a outro lugar, onde repousará. Entreguem-se a essa trama, rendam-se à paz.

— Mas, afinal, de onde você vem, que aprendeu tanto? E como podemos te chamar? — a agulha, comovida, corta o fio tênue de silêncio.

— Viemos das mãos de gerações de mulheres fortes do sertão. Nos chamam de Renda de Bilro. Mas vocês podem me chamar de Renda.

¹ Neste conto se pretende, humildemente, imaginar o reencontro e as possibilidades de uma conciliação entre a agulha e linha que, no precioso conto O Apólogo, de Machado de Assis, disputam suas relevâncias. A escolha em prestigiar tal obra, o seu autor e as metáforas possíveis com a temática da costura se deve à própria Oficina de Escrita do TJCE, na qual tal conto foi lido, mas especialmente a meus familiares e ancestrais que, entre as linhas escritas e as linhas de costura, têm me permitido coser uma colcha imensa e bonita de memórias e afetos.

AS IDAS E AS VOLTAS

Estamos contaminados de futuro?
Na vertiginosa pressa que a ansiedade nos impõe
Para desabrochar, crescer e evoluir,
Somos, cada vez mais, convidados
A partir, a sair, a sumir

Nessa jornada, a deglutição sem fim das novidades
Parece tornar indigesta a ideia de saudades

Por quanto tempo se olhará apenas para frente
Sem que se busque manter o passado em mente
Esse lugar que, ao contrário do futuro, é seguro e conhecido
Já que nele tudo já se fixou, o passado então seria abrigo

Sei que só volta atrás aquele que um dia foi em frente
Só tem passado quem desejou um futuro e dele fez um presente
Sair por aí tem o cheiro da mais pura liberdade,
Mas, também, retornar tem o sabor da felicidade

Assim, para mim, vai perdendo o sentido sair a desbravar
Penso, agora, que querer ir embora tem muito me cansado
Mais gostoso deve ser buscar ter para onde voltar
E, nesse retorno, procurar o que de bom mora no passado

Ed Freire

AS MULHERES DE TERREAL

Entre tantas cidades e vilas fincadas à beira de grandes rios do nosso país, nestas terras úmidas regadas pelas águas tépidas dos trópicos, os fatos que serão narrados foram acontecer justamente na pequena vila de Terreal, onde, dizem as línguas infamantes, os homens não têm brio nem as mulheres pudor. Tudo ocorreu a partir de 1983, no auge do garimpo em Serra Pelada, quando se estima que mais de oitenta mil garimpeiros fervilharam o seio da terra, como vermes gigantes em busca do metal dourado. Desse montante, cerca de setenta eram homens de Terreal que debandaram em busca de fortuna, deixando a vila com cerca de quinze homens, quase todos velhos ou ainda meninos.

As mulheres, repentinamente desmaridadas, seguiram a vida e não sentiam nenhuma culpa quando se entregavam a eventuais forasteiros que, vez por outra, borboletavam por aquelas terras esquecidas. Esmerilhavam o tempo na Cooperativa de Artesanatos, onde, reunidas em grande grupo, afiavam as línguas e expressavam seus desejos de forma sincera ou serpenteante. Um bom número delas sonhava em ver os maridos voltando com malas cheias de dinheiro, resultado do muito ouro que encontraram. Outras, ferinas como nunca, diziam que preferiam que os homens morressem enterrados em Serra Pelado, e que aparecessem novos esposos que as soubessem valorizar como rainhas.

Desde março daquele ano, viera morar no vilarejo um médico de mulheres, um ginecologista, e essa notícia alvoroçou as moradoras. Tantas quiseram se consultar com o forasteiro

que foi preciso agendá-las. Os três únicos maridos residentes, desconfiados, tentavam dissuadir as esposas de ir ao consultório, mostrar-se para o cabra, mas nenhum foi bem-sucedido.

— Acabo de me consultar com o doutor ginecologista!

— E o cabra lhe respeitou mesmo, Pretinha?

— Claro que sim! Antes de tudo sou eu mesma que me dou ao respeito!

— Agora vou ser alvo da língua do povo. Todos vão falar que minha esposa...

— Homem, baixa o facho! Nem tem motivo para gastura! O doutor lá é daqueles que viram a casaca quando o assunto é mulher.

— Hi, hi, hi! Quer dizer que o doutor desce a ribanceira macio e saltitante?

— Parece, ele tem toda uma delicadeza que... Mas a consulta foi ótima! Fez um monte de perguntas, até sobre você!

— Sobre mim? O que esse... queria saber?

A fofoca logo incendiou a vila e as mulheres ficaram amuadas, como se tivessem levado uma muxinga das severas. Já não temos homens para o gasto! Quando aparece um, ainda vem invertido, diziam em suas reuniões estrogênicas. O importante é que ele consulta maravilhosamente bem, diziam outras. Anota tudo sobre a gente, até os dias em que o calor lá embaixo está mais forte.

Foi num dia de setembro que, reunidas na Cooperativa, o assunto veio à tona pela boca de dona Castiça, senhora casada, quarenta e poucos anos, mãos calejadas pelo cuidado esmerado da horta que tinha no quintal.

— Acho que ontem à noite eu vi o Boto transformado em homem. Avistei um fogo na beira do rio e fui ver o que era. Quando virei lá nas moitas, vi, entre dois tições acesos, fincados no chão, um homem bonito, alto, forte, alvo, alvíssimo, todo nu, cobrindo o sexo com as mãos.

— Ave-maria! E o que você fez? – perguntou curiosa Sandra.

— Gritei e corri para casa. Fui chamar meu marido e voltamos lá, mas não havia mais nada, nem sinal de pegadas. Mas parece que vi uma mancha rosada na água que, acho eu, já era o Boto em sua forma normal.

— Você fez tudo errado, Tiça! Eu teria corrido, mas era para os braços dele, e gritaria, com certeza, mas quando...

— Ah, Iracema, eu sou feliz com meu marido! Por que iria atrás de outro homem? E você diz isso aí na maior cara lavada, mesmo tendo esposo também?

— Aquele traste não aparece em casa há anos. Tá lá, enterado naquela Serra Pelada, atrás de ouro. E eu vou começar a procurar ouro também, mas aqui perto mesmo, no nosso rio!

Dois dias depois, dona Iracema entrava em casa, esbaforida com a carga de frutas que carregava, e foi saudada pela filha de oito anos, que foi logo avisando que um homem viera a casa.

— Ele disse que o Boto quer falar com a senhora hoje, depois do cair da noite, na beira do rio. Não entendi nada. Quem é esse Boto?

A mulher começou a sentir os hormônios em festa dentro de si. Disse para a menina que não era nada de importante, que Boto era um conhecido que... Enfim, engabelou a inocente criança.

Quando a lua apareceu no céu, cheia e esplendorosa, uma mulher de vestido fino e andar sorrateiro, caminhou decidida rumo ao rio. Deixara a filha deitada e agora sentia o coração bater mais forte. Ia ao encontro daquilo que todos diziam ser lenda, mas que ela...

Ao se aproximar do rio, viu um clarão por trás das moitas. Cuidadosamente, virou para a banda esquerda e ficou estarrecida. Entre dois tições enterrados na areia, o rapaz mais belo que ela já vira na vida. Alto, musculoso, alvo, muito branco mesmo, olhos claros, cabelos loiros, nu em pelo, cobria o sexo com as duas mãos. Corajosa, ela se aproximou. A luz dos fachos tingia o corpo desnudo do rapaz com um tom dourado alaranjado.

E os dois se entregaram às carícias do amor. Numa esteira estendida na areia, que apareceu ninguém sabe de onde, consumaram a união carnal. Ela se viu diante dos portais do paraíso. Ao menos daquele paraíso onírico no qual ela vivia inflamada nas noites de verão, o marido distante em busca de ouro. Ele ofereceu a ela licor de laranja, que ao seu paladar pareceu a bebida mais deliciosa já produzida na Terra.

Amanhecia serenamente quando dona Iracema entrava em casa. Os cabelos desgrenhados e a roupa amarrotada, mas um

sorriso rasgado na face fazia a rendeira se sentir a mulher mais feliz daquelas redondezas. Na próxima reunião das mulheres, o assunto cirandou à vontade.

— Amigas, que noite maravilhosa a de ontem, quando me entreguei ao Boto que está vindo nos visitar!

— O quê? Você e o Boto...?

— Sim, a Tiça tinha razão, é um rapaz lindo! Aliás, ela não chegou a ver tudo, mas eu, sim, vi, provei e aprovei. Que homem! Se ele me pedisse em casamento, largaria o traste do meu marido na hora.

— Ora, minha cara, o Boto não pode se casar! Ele é de todas as mulheres que...

— Hum, já está querendo provar também, Tininha?

— Por que não? Se você pôde, quanto mais eu que sou solteira e desimpedida! Acho os homens loiros...

A notícia de que dona Iracema se entregara ao Boto rasgou a vila de ponta a ponta. Ela foi chamada de sem-vergonha e de outros adjetivos que não convém transpor ao papel, sobretudo pelos homens. As mulheres, mordidas da inveja, também falavam aqui e ali, uma ou outra coisa, mas no íntimo desejavam também ver o Boto e quem sabe...

Na semana seguinte, a moça Tina acordava em seu quarto quando notou um envelope no chão, bem em frente à janela. Alguém, durante a noite, atravessara-o por uma das frestas da madeira.

Tininha,

Desejo muito encontrá-la hoje à noite, à beira do rio, por volta de 20 h.

Esperando ansioso,

Boto

A moça tremia toda com o bilhete nas mãos. Como o Boto sabia que ela era uma das poucas mulheres alfabetizadas da vila? Não importava! Finalmente, o amor a chamava e a primeira vez seria com um homem lindo.

Na próxima reunião das mulheres, todas queriam saber quem era a bola da vez do Boto. Mas ninguém se manifestou como fizera Iracema, semana passada. Tina, em seu íntimo, sorria de contentamento, mas prometeu a si mesma que não diria nada do que aconteceu àquelas fofoqueiras. Mas a lembrança do corpo daquele homem encantado, daquela pele dourada que reluzia à luz das tochas... Não acreditava que aquele momento fosse fantasia ou sonho de sua cabeça, mas, como explicar que, de fato, coabitara com um mancebo que todos diziam ser na verdade um Boto? Como poderia se encontrar com ele outras vezes?

Na semana seguinte, mais uma mulher foi seduzida pelo Boto. Desta vez, a Bárbara, que há pouco havia feito vinte anos. As semanas se seguiam e as reuniões das mulheres pegavam fogo com detalhes picantes de todas as que, corajosas, desceram a barranca do rio e se entregaram à rosada criatura. Surgiu até a discussão se alguma delas havia visto o buraco na testa do Boto:

único sinal de que ele seria um animal da água e não um homem da terra.

— E eu lá ia reparar nisso numa hora daquelas!

— Eu acho que não tinha buraco nenhum!

— Não tem como saber, lembram-se que ele tem cabelo grande e usa pastinha cobrindo a testa?

E assim a vila viveu frenéticos meses: as mulheres, em delícias carnavais; e os homens, distantes, em cornos ornamentais. Mandaram avisar aos garimpeiros que as esposas também estavam a procurar botos dourados à beira do rio. A maioria não fez caso e continuou em busca de riqueza, soltando alguns impropérios contra as libertinas, quando eles mesmos eram infiéis, desde a chegada à Serra. Todavia, dois maridos voltaram e um deles deu uma surra na mulher, que precisou ser levada ao posto de saúde. Lá, o médico constatou que ela estava grávida. Prenha do Boto. Quando soube que a traição não somente era certa, como também havia filho na barriga, o marido traído voltou ao garimpo e nunca mais mandou dinheiro para a esposa. Ela havia se deitado, com a lendária criatura, semanas antes, mas nada comentara. Agora que a barriga crescia...

Entretanto, a vila realmente se alvoroçou foi quando começaram a pipocar mulheres prenhas, todas se dizendo grávidas do Boto. O ginecologista do posto não dava conta de tantas consultas. A maioria das mulheres mostrava a barriga com orgulho, como se tivessem sido premiadas na loteria. Teve o caso de um marido que, depois de muito se esconder em casa com vergonha,

fugiu numa noite estrelada. E nunca mais voltou. A esposa ficou aliviada e feliz, tendo dito na reunião das artesãs que homem que não funciona mais, o melhor que faz é capar o gato mesmo.

Assim, transcorridos nove meses, descobriu-se que nove mulheres estavam grávidas. Na conta das fofoqueiras seriam dez, mas uma delas teria sido levada para outro lugar pela família, para evitar o falatório, como se fosse possível naquela revoada de escândalos. O mais recente é que a menina Tina, uma das primeiras a se entregar ao Boto, cuja gravidez envolvia riscos, foi levada para a capital por recomendação do médico. Lá, a criança nasceu prematura. A mãe não resistiu e faleceu, para desespero dos pais.

— Meu Deus, coitada da Tininha, tão desmilinguida! Não sei como aguentou tanto tempo!

Duas semanas depois nascia o filho de Sandra, um lindo menino loiro de olhos claros. As outras grávidas, esperando chegar a hora, babaram no berço, desejando que os seus também puxassem pelo rosado do Boto. E, de fato, as semanas se seguiram despejando na vila mais sete crianças loiras. A de dona Iracema nasceu morta. Ela chorou muito, ficou deprimida.

Algum tempo depois os pais de Tina trouxeram o neto para casa, e assim se completou a prole do Boto: oito crianças alvíssimas, loiras, cinco meninos e três meninas, alguns de olhos claros, outros, escuros. As mães eram a personificação do orgulho, mesmo as casadas não sentiam vergonha nenhuma da prevaricação; ao contrário, sentiam-se até felizes por terem sido

escolhidas pelo Boto para gerarem rebentos tão lindos. Viveram, assim, reluzentes, por meses.

Quase um ano depois dos partos, algumas crianças sendo desmamadas, a vila foi dramaticamente surpreendida por aquilo que um jornal da capital chamou de “o desaparecimento dos bebês rosados”. Em uma noite quente de maio de 1985, quando todos festejavam, com banquete, o retorno de um dos garimpeiros do lugar, moço solteiro que voltara rico e agora também cobiçado pelas mulheres solteiras, desquitadas, viúvas e mesmo por aquelas enroladas em casamentos pouco convincentes. O novo endinheirado pagou tudo, então todos festejaram a noite toda. Quando voltaram as suas casas, o riso fácil e a algazarra de momentos antes cederam lugar a choro dilacerante e gritos de desespero. Sete das oito crianças foram levadas dos berços. Babás e familiares que cuidavam delas estavam amarrados e amordaçados em cadeiras ou em outros móveis da casa. Somente uma menina escapou do sequestro coletivo: a pequena Laura, filha de Maria Nazaré, e isso mesmo porque a mãe viajara com ela naquela mesma tarde, sem avisar a ninguém.

Grande foi o desespero que caiu sobre a povoação. O jornal da capital disse que as mulheres de Terreal experimentaram o que as mães egípcias viveram durante a praga da morte dos primogênitos. A diferença é que as crianças não estavam mortas, mas sim desaparecidas. A polícia do Estado veio proceder a uma investigação minuciosa, mas nem encontrou os bebês nem sinal algum de um Boto transformado em homem, germinando mulheres no atacado, como disse o delegado. As babás e os familiares

contaram que foram atacados e desmaiaram com um cheiro forte de algo em um lenço posto violentamente contra suas bocas e narinas. Só uma mulher se lembrava do vulto de um homem alto, mas ele devia estar encapuzado, pois ela não viu o rosto.

As crianças como que sumiram no ar. A polícia procurou em todas as redondezas, todas as estradas do Estado foram vigiadas, os aeroportos do país inteiro foram avisados para que interrogassem e, caso necessário, prendessem suspeitos conduzindo crianças loiras. Mas de nada adiantou, nenhum menino ou menina foi encontrado. A dor das mães foi dilacerante. Todas choraram dias e dias, inconsoladas.

A pequena Laura cresceu na vila como uma espécie de ícone vivo, de carne e osso, uma sobrevivente rosada. Era querida e paparicada por todos. A mãe vivia com o coração na mão, temendo que o sequestrador voltasse para completar o trabalho. Mas não aconteceu, e também nunca mais apareceu ninguém dando notícia dos desaparecidos.

Passaram-se, então, vinte e três anos. A história dos pequenos sequestrados não teria se deslindado se não fosse uma jornalista. Ela chegou em seu carro e o estacionou em frente à matriz de Terreal, já uma cidade de cinquenta mil habitantes. Do lado do carona, saiu um rapaz loiro, olho tão claro como o céu daquele dia desanuviado. Caminharam em direção à casa de dona Maria Nazaré. Bateram à porta. A dona atendeu. Os visitantes entraram.

O que é isto que meus olhos veem? Postos um diante do outro, a moça Laura e o rapaz forasteiro, chamado Peter, são

tão parecidos que assombra a mãe da garota. A jornalista explica uma série de coisas, mas a mulher fica tonta com tantas informações. Pedia somente que ela levasse a filha, o rapaz também iria, e fossem a uma clínica na capital coletar material genético para um exame de DNA. Feito isso, ela publicaria uma matéria no jornal explicando tudo o que aconteceu naqueles anos da década de 1980, fatos que ainda intrigavam os moradores.

Assim foi feito e dez dias depois saía uma matéria no jornal da capital, que, por sua importância para esclarecer de vez o mistério, dado o detalhamento e a objetividade dos fatos, transcrevo abaixo:

DESVENDADO O MISTÉRIO DOS BEBÊS ROSADOS

Por Carina Kandiz

Da Redação

Quem era adulto, entre 1983 e 1985, deve se lembrar que, na então pequena povoação de Terreal, hoje cidade, aconteceu uma série de fatos estranhos e nunca explicados. As mulheres da localidade relataram ter mantido relações sexuais com um rapaz loiro que seria a encarnação humana do boto do rio. Todos conhecem a lenda. Mas, em Terreal, a realidade era visível: uma dezena de mulheres engravidou, com dias ou semanas de intervalo, e todas deram à luz crianças loiras.

Quase um ano após os partos, homens desconhecidos invadiram as casas à noite, enquanto os moradores celebravam a volta de um filho pródigo do garimpo, e sequestraram sete crianças. Somente a menina

Laura, que não estava na vila, escapou daquilo que na época se chamou de “o desaparecimento dos bebês rosados”.

Agora, 23 anos depois, a Redação do nosso jornal foi procurada pelo holandês Peter van Haley, dizendo ser ele um daqueles meninos sequestrados no Brasil. Para provar isso, foi feito um teste de DNA que comparou amostras de sangue de Peter e Laura. O resultado do teste foi o seguinte: mães distintas; mesmo pai.

O jovem Peter descobriu que era adotado quando foi diagnosticado com leucemia, necessitando de doação de medula óssea compatível. Os pais adotivos, incompatíveis, tiveram que revelar que haviam comprado uma criança há vinte e três anos de um brasileiro chamado Hans Stein. Depois de um ano de investigações, descobriu-se que esse senhor, espanhol de nascimento, naturalizado brasileiro, que até dez anos antes vivera regaladamente em uma mansão na Itália, fora preso naquele país por crimes de sonegação.

Disposto a colaborar, o homem confessou que viveu dois anos no Norte do Brasil planejando e executando um mirabolante projeto que ele concebera ao ler um livro de lendas. Contatou um conhecido na Europa, em busca de clientela para comprar crianças brasileiras. Dez casais que não podiam engravidar se interessaram, mas preferiam crianças caucasianas, para não despertar suspeita.

O Sr. Stein, então, com um aparato que envolvia doze homens, dois barcos e até um pequeno avião, instalou-se numa fazenda de Terreal. Vivia escondido durante o dia, mas à noite, saía para fecundar mulheres do povoado. Com a ajuda de um médico ginecologista, na verdade contratado por ele, obtinha informações pertinentes como período de

ovulação de cada mulher adulta e a melhor forma de entrar em contato com ela. Segundo a polícia italiana, o sedutor teria se deitado com trinta mulheres, mas somente dez engravidaram. Como se sabe, ele esperou quase um ano para sequestrar sete dos “filhos rosados do Boto”, como ficaram conhecidas na vila aquela prole de crianças loiras.

Pagando a quatro mulheres, que se apresentaram como as mães dos bebês, todos com passaportes falsos, o sequestrador despachou as crianças para a Europa, usando aeroportos do Chile, Costa Rica, Bolívia e Argentina. Três dessas mães falsas levavam cada uma, duas crianças, e a quarta apenas uma. Já na Europa, como eram dez casais, mas somente sete crianças, há o assombroso relato de que o Sr. Stein fez um leilão de bebês humanos. Quem pagasse mais, arrematava aquele que escolhesse. As crianças foram levadas para países como Alemanha, França, Itália, Holanda, Suécia e Suíça.

Com esse golpe inacreditável, inominável de tão absurdo, o jovem Hans, que as mulheres de Terreal chamavam de Boto, fez fortuna da noite para o dia, até ser preso por não pagar impostos. Essa história dramática, nascida na mente de um homem perturbado, só foi realmente descoberta pela insistência do jovem Peter, que convenceu os pais adotivos a empreender a investigação que culminou nessa estarrecedora revelação.

Descobriu-se que a verdadeira mãe de Peter se chamava Tina, falecida durante o parto prematuro do bebê. Os avós, pais de Tina, teriam criado o menino, mas foram impedidos pelo sequestro. Ambos falecidos, as esperanças de Peter começavam a minguar. Até aparecer Laura. Confirmada a irmandade, ela poderia ser doadora de medula, com grande chance de compatibilidade. Nesse exato momento, a moça e sua mãe estão na Holanda. Quando conversei com a garota, no aeroporto,

ela me disse que estava pedindo a Deus que lhe desse a oportunidade de salvar o irmão. Estamos aguardando notícias para confirmar a compatibilidade.

O moral dessa história, caso haja algum, deve ser aquele provérbio bem conhecido: “nem tudo que reluz é ouro”. Os homens de Terreal foram à Serra Pelada em busca de ouro, mas a grande maioria voltou mais pobre e esfarrapada. As mulheres do vilarejo foram em busca de um belo homem loiro, mas tiveram que conviver com o fato de que foram, na verdade, usadas como incubadoras. Elas somente geraram as crianças que foram arrancadas de seus lares para enriquecer um homem cuja mente arquitetou um plano tão espantoso que dificilmente o mais engenhoso dos escritores conceberia para uma ficção cabulosa.

A CASA DA MINHA AVÓ

“E será... como um esconderijo contra o vento, e um refúgio contra a tempestade”.

Profeta Isaías 32:2

À memória de minha avó materna Alzira Alves Freire, mulher guerreira que ensinou a muitos a arte da perseverança.

Na casa da minha avó havia cortinas limpas, limpíssimas, finas e esvoaçantes ao vento quente do sertão. Eu, alto desde a adolescência, passava roçando a cabeça naquele fino tecido e sempre me sentia adentrando num ambiente mágico, aconchegante. Casa de avó, onde os netos sempre são bem-vindos e se sentem como numa espécie de paraíso duplamente maternal.

A casa é mui pequena, como havia de ser morada de sertanejos pobres. Ainda hoje, ergue-se branca com portas e janelas azuis; sorri para o sol, durante o dia, e para a lua, à noite. Ali, nunca senti frio, o alto sertão não permite. Ademais, na casa da minha avó abundava calor humano, de modo que frio era até uma palavra esquisita, herética, disforme naquele ambiente de quentura suprema.

Sinto falta da minha avó. A presença dela emanava força e calor para a casa e para todos os que estivessem nela. Aliás, se casa tiver alma, aquela decerto estava intimamente ligada à figura de sua dona. Ela, a avó, lamentava passar muito tempo longe de casa. E nem discutia quando lhe propunham mudar de residência, de localidade, sair do campo e ir para a cidade, onde

uma outra casa, urbanoide, fria e parecida com muitas outras, aguardava, insensível, a dona nova que, na verdade, não queria ser nova dona.

A casa era pequena porque a dona era pequena. Mas somente em seu corpo miúdo. No espírito, ela era gigante, uma pessoa de tantos atributos que, penso eu, deve ser difícil encontrar alguém com aquelas qualidades. A hospitalidade estava impregnada na alma e na pele de minha avó. Parecia já fazer parte de sua estrutura óssea, de seus olhos, de sua vida. Acolhia a todos com um sorriso que transitava entre a bondade alçada aos Céus e o retraimento tímido por não poder oferecer mais aos visitantes.

Quando chegávamos lá, na sua velha e acolhedora casa, que parecia nos embalar na sussurrante brisa da caatinga, com o sol causticante troando no firmamento, e nos incitando à procura de sombra, encontrávamos mais do que sombra. Encontrávamos serenidade, amor, paz e ternura na figura da velha senhora sentada em sua cadeira, ajeitando o cabelo para se apresentar bem diante das visitas.

Casa e dona se confundiam. O chão sempre limpo, as coisas em seu devido lugar, arrumadas como mandam a praticidade e a simplicidade do sertanejo. Tudo muito singelo, mas impecavelmente limpo. A casa tinha a cara da avó porque a cara da avó era ver tudo em perfeito estado. A avó ficava especialmente contente quando recebia os seus entes queridos, filhos, genros, noras, netos, bisnetos e mesmo amigos que acorriam para sentir aquele ambiente acolhedor.

A casa agora ficou vazia. Chorou no íntimo de tijolos e telhas ao ver que o fio de prata da velha senhora havia sido rompido. O Criador sussurrara o nome da avó e ela prontamente lhe atendeu. Fazia muito tempo que já falava em descansar de seus dias, sofridos, tostados por aquele causticante sol da caatinga. Dias de luta, de incansável batalha para criar os filhos, que ainda tão cedo ficaram sem pai. Mas aquela mulher nunca esmoreceu. Se não conhecia a fluidez da expressão “vida doce como mel”, também nunca se amargurou diante das dificuldades.

A força e a determinação eram as vestes espirituais de minha avó. Se hoje eu puder abrir a boca e dizer que tenho alguns fiapos desses essenciais tecidos, devo ao exemplo dela, avó incansável semeadora de lições de vida. Era uma guerreira de rara fibra, talhada ao calor do sertão, e só conheceu um medo em toda sua vida: ver um filho arribar para muito longe de seus olhos.

Agora imagino a casa fechada, sem receber a brisa matinal que tanto a refrescava. Quando a dona se levantava, tão cedo, abrindo portas e janelas para o etéreo, a casa vibrava de alegria. Agora, a morada vai ficar abafada e fria, desprovida daquele calor que emanava do coração da dona. As paredes vão sofrer. O telhado vai desejar ser levado pelo vento. Por falar em telhado, há na casa um cômodo com uma telha de vidro. Uma cachoeira de raios inundava a casa e a tornava mais festiva ainda. Sol lá fora, sol cá dentro. Sol era o próprio interior da avó, uma Alma-Sol que aquecia a todos que se aproximavam dela. Agora a telha não sente mais prazer em verter raios. O telhado também ficou indiferente, está permitindo que poeira e folhas obstruam a

translucidez do vidro. A telha agora está escura, triste, porque não ouve mais os passos da velha senhora peregrinando pela casa que tão bem conhecia e amava.

Eu não sei quando voltarei a visitar a casa onde minha avó passou praticamente a vida toda, mas sei que nada será como dantes. Aquele calor, aquela festa, aqueles banquetes... tudo, agora, povoa apenas a memória de todos aqueles que tiveram o privilégio de conhecer e visitar aquela senhora no sertão dos Rochas, que, como bem indica o nome, é terra de povo forte e inabalável. Hoje, quando sinto saudades, choro. E acalento a alma: ainda me restam as lembranças daqueles olhos fulgurantes, daquelas mãos laboriosas, daqueles pés incansáveis, daquele espírito ardoroso que sabia, como ninguém, receber visitantes que fugiam das areias quentes daquela estrada que passa bem à frente da casa. E minha alma já alçou voo, em alta velocidade, rumo ao vilarejo que nunca mais será o mesmo sem a presença daquela senhora: avó de todos, caridosa e serena avó de todos.

O PÁSSARO SOLIDÃO

Uma amiga me ligou recentemente, relatando uma grave crise de depressão. Começou, diz ela, com uma visitinha persistente da solidão, que logo se abancou na alma e cresceu, e correu, e voou. E a arrastou consigo. Mesmo tendo três filhos casados, e cinco netos, os quais a visitam com regularidade que fariam inveja à Dona Benta, esta amiga não escapou das investidas do pássaro das sombras. Não tenho dúvida: a mais grave epidemia do mundo moderno se chama solidão. Em nossos dias, agindo como uma águia gigantesca, severa e onipresente, ela ataca em todos os matizes dessa palheta que chamamos de sociedade. Desconhece-se classe social ou profissão que lhe seja imune. E tudo indica que a mais recente pandemia, cujo aclamado fim foi tantas vezes protelado, exponenciou o que já era grave, gravíssimo. Mesmo duas pessoas íntimas compartilhando o cubículo que o mundo moderno denominou de apartamento, convivendo trancadas o dia todo, puderam sentir a força avassaladora das asas da solidão, sobretudo no estágio chamado de confinamento. Os italianos, inteligentes e diligentes como eles só, legaram ao mundo a maravilhosa ideia de sair às sacadas ou de se debruçar em janelas para cantar, bater palmas e afugentar a solidão. Mesmo que só por alguns instantes, muitos tiveram o coração aquecido e puderam celebrar, ainda que de longe, com os vizinhos mais de longe, ou até com os mais de perto. Intrigante o ser humano: antes fazia de tudo para se isolar, mas quando foi coagido a tal, deu um jeito de socializar-se, clamando ao pássaro da música para enxotar a emplumada solidão.

Certamente, a solidão não é um fenômeno do mundo moderno. Das diversas metáforas que poderíamos extrair da literatura clássica, considero a da Odisseia uma das mais comoventes. Nesse canto de Homero, a solidão é representada como uma rajada de vento que estremece o barco da alma, deixando-o à deriva nas imensidões oceânicas, ao tempo em que transmite ao seu navegante a certeza de que, naquele momento, ele se encontra desamparado, sozinho. Antes de se aventurar aos mares, quando enfrentou a colossal ira de Poseidon, a quem ofendera gravemente ao ferir Polifemo, ciclope filho do deus dos mares, Ulisses se dirigiu a Éolo, deus dos ventos, e ganhou dele, de presente, “um odre feito de couro de um boi de nove anos”, onde a divindade aprisionou todos os ventos ruidosos. O astuto rei de Ítaca, então, “o fez amarrar no porão do navio com uma correia de prata reluzente, para que nem a brisa mais fraca pudesse escapar”. Todavia, a ganância humana pôs tudo a perder, quando os marinheiros de Ulisses, enquanto esse dormia, abriram o odre, supondo que estivesse cheio de riquezas, e libertaram uma rajada violenta de vento que os fez retroceder ao início da jornada. Em suas perambulações de retorno à ilha natal, o pai de Telêmaco teve de aprender a conviver com as dolorosas e agudas bicadas do pássaro que fita o homem tomando de empréstimo os próprios olhos humanos. Sim, a solidão depressiva é uma criatura alada que se chega de mansinho. Convém não a deixar se agasalhar na alma, nunca. Como fez a rainha Penélope, esposa de Ulisses, obrigada a esperar vinte anos, alma deveras atribulada, o retorno do marido. Sempre observada pela emplumada solidão, com seus olhos arregalados, cintilantes de agonia, a paciente mulher tecia

seu manto durante o dia e o desfazia à noite, entre lágrimas e soluços.

O rei Davi, já velho e cansado de batalhas, certamente também fitou demoradamente a face angulosa da solidão, especialmente quando fugiu da ira de seu filho Absalão, um oportunista que queria se sentar no trono estando o rei ainda vivo. Um trecho tocante desta história será o suficiente para convencê-lo, caro leitor: “E seguiu Davi pela encosta do monte das Oliveiras, subindo e chorando, e com a cabeça coberta; e caminhando com os pés descalços; e todo o povo que ia com ele cobria cada um a sua cabeça, e subiam chorando sem cessar” (II Samuel 15:30). Esse episódio da vida do segundo rei de Israel demonstra que um ser humano pode ser avassalado pela solidão mesmo cercado de uma multidão de súditos. Em verdade, a escalada do monte parece apontar que houve um tocante compartilhamento de sentimentos dilacerantes, resultado de um amálgama de dor, medo, vergonha, humilhação e impotência. Tais instrumentos, orquestrados com fúria no âmago da alma, produziram aquele som líquido e salgado que conhecemos como lágrima. Se elas rolam livremente é porque a solidão já tomou a batuta da maestrina razão e passou a reger, freneticamente, as cordas do coração.

Relembrando José Saramago em seu Ensaio sobre a cegueira, dói-me o coração ao pensar naquela senhora, a mulher do médico, e as dilacerantes ondas de solidão que enfrentou durante a cegueira branca, quando todos os humanos, menos ela, deixaram de ver o mundo. Ela, somente ela — que solidão aterradora, meu Deus! — enxergava tudo, via o mundo como era e como deveria ser,

enquanto todos a sua volta haviam mergulhado num imenso poço de leite. Como a língua quentinha do cão das lágrimas foi imprescindível para que não enlouquecesse, enquanto, sentada, via o mundo se despedaçar! Quando o mal findou, tão misteriosamente quanto começou, a mulher suspira, confessando ao marido que pensa que todos continuam cegos, mas de outro tipo de cegueira. O esposo retruca que todos voltaram a ver, ao que ela vaticina: na verdade, ainda somos todos cegos que, não obstante possuindo olhos perfeitos, não enxergamos o essencial. A solidão é um nevoeiro que nos impede de contemplar o essencial. E o essencial sempre se manifestará invisível aos olhos, já dizia Saint-Exupéry, pois só se vê bem com o coração. Se a solidão anda se desfazendo de suas plumas, ao mesmo tempo em que cria um furacão cujo olho aparenta calma, certamente o coração deixou de ver.

Muitos escritores já despedaçaram o mundo em suas ficções, mas nenhum aviso foi dado para preparar, adequadamente, o ser humano a mergulhar no poço de solidão que, arrastado de roldão, precipitou-se sobre a humanidade durante a pandemia que sacudiu o mundo no início da década de 2020. Dantes, disseram que a tecnologia aproximaria os homens como nunca visto. Os aparelhos celulares foram festejados como armas poderosas contra a solidão. O que se constatou, todavia, foi decepção e mais solidão. Os celulares viraram buracos negros a sugar vidas. Perderam sua função precípua, facilitar a comunicação entre as pessoas, e se tornaram radares de monitoramento, agências bancárias portáteis, miniestações de trabalho... Viraram instrumentos de

vigiar pessoas, não de uni-las fraternalmente. Já se sente nostalgia do tempo em que se pegava o aparelho, ligava-se para um amigo, sem agendar com antecedência e, de pronto, a pessoa do outro lado atendia. Oi, liguei só para saber como você está! Agora, neste exato momento, desejo saber notícias de amigos que sumiram há dois anos porque simplesmente deixaram de atender ligações e de responder mensagens. Um ou outro deixou mesmo de possuir o aparelho. Hoje, é sonho de consumo distante viver livre, desconectado desta matrix chamada celular. Tem tudo para ser feliz a pessoa que deixou de carregar a bateria porque deixou de ser bateria.

Um amigo me pergunta como ando lidando com essa fera, “amiga das horas, prima-irmã do Tempo”, como o poeta Alceu Valença cantou a solidão. Eu respondo que sempre que ela procura me visitar, eu a escorraço de casa, forçando-me a sair para caminhar e observar o céu. Quero, com isso, assimilar a lição de vida que certo idoso de mais de cem anos, ainda lúcido de neurônios e operante de ossos, deu ao repórter que lhe indagou sobre o segredo de sua longevidade: caminhar e olhar para o céu. Parece que a solidão é inimiga contumaz do andar para a frente e amiga íntima do olhar para o chão. Mas é evidente que também... Perdoe-me, caro leitor, o interfone se pôs a tocar. Devo atender! Voltei. Era o porteiro do prédio comunicando que o carteiro entregou uma caixa a mim destinada. A caixa continha aguardados livros que eu havia comprado num sebo virtual. A loja física se localiza em Porto Alegre, na outra extremidade do país, já que eu moro em Fortaleza. Oh! O poder da internet! Ah!

O poder dos livros! Quem tem bons livros para ler descobriu um eficiente antídoto contra a solidão. Ler nos transporta a mundos diversos, conhecidos, enigmáticos, mundos onde a solidão não consegue chegar, pois são densamente povoados de personagens dos quais vamos ficando íntimos no decorrer do caminho. Caso assim o deseje, tais personagens nunca o deixarão olhar para o chão, de onde o observa, sorrateira, a solidão depressiva.



Marcos Januário

INTUIÇÃO

Intuo a quase tudo que assisto
De tudo faço reflexão
Poeta não seria se não intuísse
É possibilidade ou apenas intuição?

SOLDADO NA CASERNA

Caiu uma fria noite na caserna;
O sentinela sente a ausência de sentido.
Sentido! cumprimenta o ressentido debutante.
Qual o sentido de fazer SENTIDO!?
Não provocar o comandante?

Seu plano na planície do convento militar
segurança claudicante numa noite friorenta
o terno soldado sem terno prestes a desmoronar
alimenta a ilusão de um dia despertar.

DE LUTO PELA MANGA

Em cima da mangueira Plínio planejava planar em direção à manga.

De manga suja de manga, na planície, o planador planou feito um panga.

Estatelou-se no chão que quase some

Humilhado, viu o galo na sua testa e o outro mangando com sua manga.

Que pena, sua pena, feita a pena, era a fome.

Próximo ato, atou-se a perseguir uma ata.

De luto pela manga lutava feito home

Essa foi mais fácil, alcançava inté num tapa

Que pena, sua pena, feita a pena, era a fome.

DEZESSEIS

Vergonha no parlamento brasileiro
homens e mulheres enlameados de decoro
homenagens a bandidos e família num celeiro

A fala do messias exaltado a mais brochante
Aplaudido por seu guia hospedeiro
arrebatou o Brasil de modo humilhante
Sou contra? É desordeiro!
cortesia ao soldado mais “Brilhante”

Unanimidade da casa parecia esperada
mas o Brasil não é para amador
a periferia não fica calada
seja lá o que for
Não esqueçamos do Wyllys e da cusparada
Que se foda o Doutor

FENÔMENO DA RECEPÇÃO DO ANTIGO TESTAMENTO

Na criação, paralelamente como um cursor, não sigo, desconsigo;
Só no modo oblíquo consigo, continuo.

Na abstração é que vejo de soslaio o concreto, o real.

Estou perdido ou não posso voltar?

A questão é de saber a ordem do contexto

No direito existem normas para cada situação

Perfeitamente compatível com o texto

Se a lei é antiga não vale não

Tem que ser recepcionada pela nossa constituição.

Mas pastores me falam do antigo testamento

considerada a primeira parte da Bíblia cristã

cultura fundamental que dela me alimento

No popular conhecida como a lei dos profetas

nas igrejas como norma cidadã

Tem registros de coisas lá que não entendo

um homem podia ter mais de uma esposa

como assim? Essa não recomendo

Algumas outras regras que não vale comentar

Se com uma tá difícil, mais de uma não dá

Devia ser igual ao direito
Passar no crivo da recepção
Só vale aquela norma se Cristo aceitar
O novo testamento ser a constituição
A história do livro sagrado tem que normatizar
Só voga se recepcionar Jesus no coração.

FULGOR NA ESCURIDÃO

Desencantou, desmistificou, desimportante ficou, desrespeitou, sumiu, desintensificou, desenergizou, desapareceu/apareceu, fugiu, diminuiu, evaporou, escafedeu, tornou-se comum, comum ficou, clareou, vulgarizou, morreu, desencarnou, perdeu, sujou, raso ficou, desaproveitou-se, desaconteceu, excomungou, penalizou, despoetizou, pulverizou, enraiveceu, adoeceu, desinteressou, recuou, findou, acabou.

E a dor que sinto não se transforma, não se aquieta, não silencia. Permanece me apertando, me sufocando, me maltratando, me inspirando. Desenvolta, viva.

Nara Rejane Gonçalves de Araújo

AMOR DE GATO

Foi um amor que chegou
Assim sem esperar
De forma súbita tomou seu lugar

No meu coração morou
Por um tempo suficiente para criar vínculo
De mãe para filho, talvez

Aprendi a amá-lo do seu jeito
E com meu jeito o acolhi na sua natureza
Educado como um cavalheiro
Belo como um príncipe

Mas da forma como chegou, ele também se foi
Foi uma convivência pacífica e afetuosa
Da qual ainda hoje sinto sua falta
Do pouco da vida felina que conheci

Quem dera se o mundo conhecesse o amor
Dos felinos e por toda a fauna
Não haveria tantos desamores
Pela Mãe Terra tão hoje castigada

Natália Oliveira

LEMBRANÇAS

Ah, lembro-me dos tempos de menina
Quando, sem noção das coisas da vida,
Me via na vida a sonhar e a brincar

Naqueles tempos em que todo dia era alegria
Junto ao raiar da aurora o sorriso nascia
Família era casa em que um mundo todo jazia
E nada faltava naquele humilde lar

O amor imorredouro pelos ascendentes subsiste
Mas a distância com a vida adulta colide
E as brincadeiras não passam de lembranças
Que a correnteza pela partida sepulta ao mar

FLOR DE MANDACARU

Desde cedo lutando pela sobrevivência
Trabalho cuja paga era o mínimo
Os sonhos eram apenas reminiscências
De um presente passado no ninho

Os dias eram longos e quentes
As noites silenciosas e vazias
O mundo lhe era grande e sombrio
O futuro pouco lhe prometia

A cada esquina virada, o medo
Dos rostos à sua inocência estranhos
Cresce flor distante, cheia de espinhos
Proteção contra infelizes desenganos

Cresce e floresce sem medo, rainha
Viva e formosa, flor do sertão
Espanja teu brilho, tua força
Frutifica teu amor por esta terra
Por este chão

VERSOS LITERATOS

Sonhei com frio e quentura
Com chuva, suor e mormaço
Com sonho que tira o cansaço
Com medo e com formosura
E tudo com tanta candura
Em tanta prosa, poesia
Dia e noite, noite e dia
No mundo da literatura...

E a vida vivida era dura
Boletos, cartão e Serasa
Sem grana, sem carro e sem casa
Preocupação e amargura
Mas apesar da fatura
Não faltava fantasia
Dia e noite, noite e dia
No mundo da literatura...

No espelho, caricatura
Quando eu acordo bem cedo
Saio de casa sem medo
Com cheiro de um velho Natura
Beijo meu bem com candura
E vou pra uma nova folia
Dia e noite, noite e dia
No mundo da literatura...

Quisera ter musculatura
De atleta de olimpíada
Ou mesmo ter lido Os Lusíadas
Mesmo que em abreviatura
Ou buscado a magistratura
Mas segui mesmo outra via
Dia e noite, noite e dia
No mundo da literatura...

Não sei como o povo me atura
Se eu nem sou formado em Direito
O povo me acha imperfeito
Pra falar em judicatura
Mas quer saber, criatura?
Não ligo pra burguesia
Prefiro viajar todo dia
No mundo da literatura...

BALACOBACO

Balacobaco
Navegando no meu barco
Celebrando o culto a Baco
Sem ninguém me enchendo o saco

De repente eu sinto um taco
Arrancando-me um naco
Um pedaço da minha nuca
Uma dor que eu senti nunca...

Minha embarcação caduca
Derramou feito meu suco
De limão cheio de muco
Que caiu lá no buraco...

De tão zonzo fiquei fraco
Quase sem água na boca
Cheio de cabeça oca
Meu olhar ficou opaco...

E minha cara de boboca
Deu vazão a mil fofocas
Mas eu, que estava um caco,
Fui comer uma mandioca...

Me chamaram de maluco
Mas cheguei até o Cumbuco
Virei foca de casaco
Nesse meu balacobaco...

Todos os direitos são reservados à
EDITORA DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO CEARÁ,
não podendo ser comercializado em período de
contrato de cessão de direitos autorais.
Em caso de reimpressão com recursos próprios
do autor, está liberada a sua comercialização.

Esta obra, representa a dedicação, empenho e compromisso de exímios Servidores Públicos, que ousaram em materializar neste livro o seu amor pela literatura e pela Instituição que trabalham. "Seu, sempre seu; Sua, sempre sua" é apenas o começo de uma grande história de amor que ainda virá impactar muitas vidas.

O nosso compromisso enquanto Seção de Capacitação do Fórum Clóvis Beviláqua, foi o de dispor de um espaço adequado, acolhedor e organizado para que os autores pudessem desenvolver este livro. Por isso, é com muita alegria que deixo registrado, como gestora da Seção e Capacitação, a minha gratidão pela oportunidade de ter acompanhado de perto a construção deste sonho, tive a chance de ver e ouvir diversos depoimentos do quanto este projeto transformou a vida desses servidores, pois encontraram luz, esperança e mais entusiasmo no dia a dia de suas vidas.

Thais Barbosa da Oliveira Maia

